

TRABALHO POR CONTA PRÓPRIA, DEMANDAS POR DIREITOS E IMAGINÁRIO POLÍTICO



NAPE

Núcleo de Análises, Pesquisas e Estudos da Fundação Lauro Campos e Marielle Franco



FUNDAÇÃO
**LAURO CAMPOS e
MARIELLE FRANCO**
PSol



**FUNDAÇÃO
ROSA
LUXEMBURGO**

RELATÓRIO DE PESQUISA

APRESENTAÇÃO	04
PREFÁCIO	06
CONTEXTO	08
1. MUNDO DO TRABALHO E DIREITOS	10
2. ASSOCIATIVISMO E INDIVIDUALISMO	23
3. POLÍTICA E INSTITUIÇÕES	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
ANEXO: METODOLOGIA E PERFIL DA AMOSTRA	47

FUNDAÇÃO LAURO CAMPOS E MARIELLE FRANCO

Autoria

**Cristina Marins
Josué Medeiros
Vitor Guimarães**

Coordenação

**Severino Souto Alves
Daniel Moraes Angelim**

Projeto Gráfico

Cesar Habert Paciornik • HPDesign

FUNDAÇÃO ROSA LUXEMBURGO - BRASIL E PARAGUAI

Diretor do Escritório

Andreas Behn

Coordenador de projetos

Jorge Pereira Filho

Uma publicação da Fundação Lauro Campos e Marielle Franco
e Fundação Rosa Luxemburgo - Brasil e Paraguai

Fundação Lauro Campos Marielle Franco

R. Silvio Sacramento, 146 - Pinheiros
São Paulo - SP, 05408-040

fcmf@fcmf.org.br
www.fcmf.org.br

Fundação Rosa Luxemburgo - Brasil e Paraguai

Rua Ferreira de Araujo, 36, Alto de Pinheiros,
05428-000 São Paulo – SP, Brasil

info.SaoPaulo@rosalux.org
rosalux.org.br

M342t Martins, Cristina

Trabalho por conta própria, demandas por direitos e imaginário político : relatório de pesquisa / Cristina Martins, Josué Medeiros, Vitor Guimarães - São Paulo : Fundação Lauro Campos e Marielle Franco ; Fundação Rosa Luxemburgo, 2023.
48 p. : il. color.

ISBN: 9786599272950

1. Trabalho - Aspectos sociais 2. Precarização do trabalho.
3. Direitos dos trabalhadores 4. Trabalho informal I. Medeiros,
Josué. II. Guimarães, Vitor. III. Título.

CDD: 331.0981

O perfil das trabalhadoras e trabalhadores no Brasil está mudando e isto impõe enormes desafios políticos. Seguindo uma tendência mundial, novas tecnologias reconfiguram praticamente a totalidade dos setores econômicos do capitalismo contemporâneo. Neste contexto, ouvir a população trabalhadora que vive nas periferias brasileiras é uma tarefa urgente para construção de uma esquerda renovada e fortalecida. Entender suas experiências, visões de mundo, aspirações e demandas para, então, construir uma agenda que reflita este universo popular é condição fundamental para ampliar nosso campo de ação política, derrotar forças de extrema direita que se fortaleceram nos últimos anos e, de fato, construir uma democracia com direitos e justiça social no Brasil. A agenda de pesquisas cujos primeiros resultados são apresentados neste relatório é parte do compromisso da Fundação Lauro Campos Marielle Franco (FLCMF), através do Núcleo de Análises, Pesquisas e Estudos (NAPE) de se consolidar como espaço de debates e construção de conhecimento voltado à transformação social. Para isso, a parceria com a Fundação Rosa Luxemburgo vem sendo estratégica e decisiva. Destacamos ainda, nessa

dimensão colaborativa, a iniciativa do Centro de Análise da Sociedade Brasileira (CASB) – desenvolvido pelas duas fundações em conjunto com a Fundação Perseu Abramo (FPA) do Partido dos Trabalhadores (PT) e com a Fundação Maurício Grabois (FMG) do Partido Comunista do Brasil (PC do B) – que inclui uma agenda intensa de investigações sobre mundo do trabalho.

A pesquisa aqui apresentada, “Transformações no mundo do trabalho, plataformas e suas implicações políticas no século XXI: valores, preferências, práticas, demandas e direitos”, foi concebida em uma dinâmica de produção de conhecimento engajado, interdisciplinar e balizado nos saberes acadêmicos e populares. Igualmente importante, ela foi realizada colaborativamente e participaram do projeto pesquisadores, acadêmicos e ativistas. Todo o processo de elaboração das perguntas de pesquisa, do roteiro das entrevistas, bem como da circulação dos resultados foi feito em parceria com o Movimento dos Trabalhadores Sem Direito e Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), de modo a integrar o conhecimento ativista e coletivo que esses movimentos possuem com os acúmulos acadêmicos que orientam a pesquisa.

Nas páginas que seguem, apresentamos uma análise sobre valores, pre-

ferências, comportamentos e demandas de trabalhadoras e trabalhadores não assalariados da cidade de São Paulo, atuantes em diversos setores da economia popular, incluindo transporte, limpeza, cuidados pessoais e comércio, em sua relação cada vez mais estrutural com a assim chamada economia de plataformas. Trata-se de uma primeira etapa, com a realização de oito grupos focais com essas trabalhadoras e trabalhadores e que é parte de um projeto mais amplo que, em breve, vai abranger também outras capitais brasileiras. Nossa principal conclusão é que esse segmento da classe trabalhadora reconhece a importância da proteção social e dos direitos trabalhistas e almeja acessar benefícios que são historicamente ligados ao trabalho formal. Entretanto, essas trabalhadoras e trabalhadores, em sua grande maioria, não pretendem negociar o que consideram conquistas do trabalho por conta própria, principalmente a liberdade de fazer o próprio horário e a ausência de um patrão que impõe cotidianamente a organização do trabalho.

O texto que se segue está dividido em três partes. Primeiro, analisamos o que esse segmento elabora sobre o mundo do trabalho e a relação com os direitos, quando emerge a nossa conclusão principal de que **a preferência por seguir no trabalho por conta própria não anula uma demanda por direitos.**

Segundo, examinamos a relação de trabalhadoras e trabalhadores com plataformas digitais (tanto aquelas originalmente construídas para intermediar a prestação de serviços, quanto as plataformas de redes sociais) e como isso se relaciona com valores como meritocracia, indivi-

dualismo e associativismo. No mesmo sentido, entendemos que **a hegemonia da meritocracia individualista não anula a possibilidade de pertencer a dinâmicas coletivas** para, principalmente, as mulheres trabalhadoras por conta própria, mas também os trabalhadores homens.

Terceiro, examinamos como trabalhadoras do setor de beleza, camelôs, entregadores de aplicativos, motoristas de aplicativos e vendedoras de comida refletem e reagem aos políticos e à política institucional. **Há um forte sentimento antissistema**, atravessado pelo debate da corrupção que impulsionou o avanço da extrema-direita no Brasil nos últimos anos. **Ao mesmo tempo, verificamos um forte engajamento dessas pessoas nos assuntos da política, bem como demandas ao governo por garantias de direitos fundamentais** – o que indica a existência um terreno para a constituição de uma nova cultura democrática em nosso país.

O relatório se encerra com uma seção com breves considerações sobre esse rico processo de investigação sobre as trabalhadoras e trabalhadores por conta própria na cidade de São Paulo, não no sentido de recomendações externas feitas por especialistas que estão apartados da tarefa de fortalecer a esquerda e a democracia, mas em um sentido militante marcado pelo nosso pertencimento às redes e organizações impulsionadas pelos movimentos que fazem parte desse processo de pesquisa.

Natália Szermeta
Presidenta da Fundação
Lauro Campos Marielle Franco

As políticas neoliberais e as transformações tecnológicas alteraram profundamente o mundo do trabalho sobretudo nas últimas duas décadas. Seus impactos são visíveis não apenas na precarização das relações trabalhistas, mas se espalham por diversas dimensões da sociedade. E o sistema político não se coloca como exceção nesse contexto. É impossível dissociar, hoje, a ascensão da extrema direita – um processo complexo, com múltiplas causalidades – do ataque sofrido pelas classes trabalhadoras e pelas suas organizações de representação.

O crescimento exponencial do número de pessoas obrigadas a vender sua força de trabalho em condições degradantes é um fenômeno que não só pressiona aquele segmento da classe que garante direitos mínimos em suas relações trabalhistas, mas debilita o próprio regime democrático. No caso de países da periferia do capitalismo, que historicamente convivem com a superexploração do trabalho – e seus recortes de desigualdade de gênero e raça –, a esperança de se conseguir uma vida digna se torna ainda mais distante.

Embora esse mal-estar generalizado esteja diretamente relacionado com as próprias características do capitalismo global, a resposta política para esse processo acelerado de precarização da vida ainda se encontra em aberto. No entanto, é importante reconhecer que a extrema direita tem avançado nessa disputa por diversos caminhos (e plataformas) na conquista de corações e mentes.

Há sinais a esse respeito. Às vésperas do segundo turno das eleições de 2022, o Instituto Datafolha divulgou sua última pesquisa e apontou empate técnico entre profissionais autônomos e profissionais liberais (46% x 46%). No eleitorado total, a pesquisa dava vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, por 49% a 44%. Situação bem mais grave se verificou na Argentina, quando 63,5% dos trabalhadores por conta própria votaram no candidato de extrema direita Javier Milei. Os dados são da Prosumia, único instituto de pesquisa a cravar o resultado final das eleições locais com vantagem de 11 pontos sobre o concorrente Sergio Massa.

É diante desse cenário que esta pesquisa conduzida pelo Núcleo de Análises, Pesquisas e Estudos

(Nape) da Fundação Lauro Campos Marielle Franco, em parceria com a Fundação Rosa Luxemburgo, sugere debates incontornáveis para quem, hoje, se preocupa com a avalanche de projetos políticos articulados em torno de uma agenda conservadora. Esse esforço se soma a outras iniciativas conduzidas por essas duas fundações no âmbito do Centro de Análise da Sociedade Brasileira, ao lado da Fundação Perseu Abramo (FPA), do Partido dos Trabalhadores (PT), e da Fundação Maurício Grabois (FMG), do Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

Mais do que respostas definitivas, esta investigação propõe reflexões necessárias a partir de um processo de escuta de trabalhadoras e trabalhadores da economia popular na cidade de São Paulo sobre sua visão de mundo.

É evidente que os depoimentos aqui coligidos tendem a conter elementos dos valores hegemônicos na sociedade. Estranho seria o contrário. Além disso, é impossível desvincular a experiência concreta de assalariamento formal da percepção do próprio trabalho informal. A percepção sobre os direitos trabalhistas não se dá de acordo com sua promessa inscrita na lei, mas sim a partir da experiência concreta, daquilo que é realmente encontrado no dia a dia, no mais imediato horizonte.

Porém, destacamos que, para além de confirmar percepções naturalizadas das relações de opressões, nos interessa aqui abrir janelas

possíveis de diálogo a partir de uma agenda de ampliação de direitos coletivos. Encontrar possibilidades de práticas e discursos que reafirmem conquistas sociais e reduzam desigualdades de classe, raça e gênero é a perspectiva que guia esta pesquisa. Um aspecto que ressaltamos é a disposição verificada entre as mulheres de entusiasmo com saídas coletivas para defender seus interesses. Outro é a demanda concreta de trabalhadores e trabalhadoras por conta própria por mais proteção social por meio da ação do governo. Por fim, se nota uma rejeição geral à figura do ex-presidente Jair Bolsonaro.

A democracia, no Brasil, foi reconquistada com o fortalecimento da classe trabalhadora, que saiu às ruas para pressionar a ditadura civil-militar por direitos sociais e políticos. No momento em que forças conservadoras ousam avançar com anseios antidemocráticos, é fundamental entender como hoje pensam e imaginam horizontes os trabalhadores e as trabalhadoras. Essa pesquisa contribui com esse esforço ao apresentar uma escuta qualificada de quem vive em situação de trabalho informal e hoje representa parcela significativa de brasileiros e brasileiras.

**Andreas Behn e
Jorge Pereira Filho**
Fundação Rosa Luxemburgo

Contexto

Neste projeto de pesquisa, buscamos avançar no esforço de conhecer melhor as novas classes trabalhadoras brasileiras, tomando como ponto de partida aquilo que Edward Palmer Thompson (2011) chama de experiência das classes das trabalhadoras e trabalhadores. O marxista inglês, combatendo uma concepção de consciência de classe mecânica, presente em amplos setores do marxismo, entende que a experiência cotidiana das classes é a "matéria prima" que será elaborada pelos grupos sociais culturalmente e politicamente em suas formas de consciência coletiva e política. Assim, a partir de um processo de pesquisa militante, como aquele no qual Thompson se engajou durante sua vida, podemos compreender os valores e concepções que compõe a consciência de classe da classe trabalhadora em suas variações históricas, nacionais e regionais.

Isso nos permite dialogar criticamente com os dois principais polos que teorizam sobre as mutações no mundo do trabalho na atualidade. Por um lado, o mergulho engajado e metodologicamente orientado na experiência desses setores da classe trabalhadora nos ajuda a combater o dogmatismo liberal que percebe essas trabalhadoras e trabalhadores como indivíduos plenamente adeptos de uma concepção meritocrática e absolutamente refratária às dinâmicas coletivas. Este campo político e intelectual busca sustentar que tais pessoas se veem fundamentalmente como empresários e/ou empreendedores e que por isso recusam direitos e propostas de regulação. Por outro lado, com Thompson, podemos também desconstruir o doutrinário de um certo tipo de concepção sobre o que é consciência de classe no campo da esquerda. Nesse ponto, há uma visão muito difundida de teoria marxista que busca afirmar, no lugar da própria classe trabalhadora, o que seriam "os verdadeiros interesses" das trabalhadoras e trabalhadores, e que o papel das esquerdas seria "esclarecer" aqueles setores da classe que ainda não "despertaram" para a defesa dos seus próprios interesses.



Neste sentido, é preciso apresentar de partida uma diferença estrutural que marca a transformação do trabalho na dimensão internacional, na qual as dinâmicas em que esse processo se apresenta nos países do centro do capitalismo é qualitativamente distinta do modo como isso se dá nas nações da periferia do sistema. No chamado Norte Global, onde as inovações tecnológicas são produzidas e grande parte dos lucros dessa revolução produtiva é realizado, a transformação do trabalho está ligada à diminuição da parcela da população que tem acesso a proteções sociais tradicionalmente ligadas ao trabalho assalariado. Em países periféricos e no Brasil, em particular, o ingresso chamado no capitalismo de plataformas (Srnicek, 2017) encontra um mundo do trabalho historicamente marcado pela informalidade e pela superexploração mesmo na relação de trabalho formalizado. A experiência das classes trabalhadoras brasileiras é atravessada por uma relação inconstante e variável com os direitos trabalhistas. Desta forma, aqui, quando as relações de trabalho são transformadas pelas novas tecnologias, estamos falando de parcelas significativas de trabalhadores que já não possuíam proteção social plena e que já estavam sujeitas a jornadas de trabalho ampliadas e a vários



períodos de achatamento da renda, desemprego e trabalhos informais e por conta própria.

Considerando as condições particulares que estruturam o mundo do trabalho no Brasil e nos apoiando em um acúmulo de pesquisa que aponta que setores do trabalho informal brasileiro foram substancialmente impactados pelo uso intensivo das redes sociais, (Marins et al., 2022; Marins and Rezende, 2022; Statista, 2022), questionamos como novas tecnologias digitais transformam o cotidiano de trabalhadores de setores como limpeza doméstica, alimentos e beleza – segmentos ainda pouco estudados, apesar de abrigarem as ocupações que constam entre as mais numerosas do mercado de trabalho brasileiro (Krein et al., 2022), além daqueles mais constantes nas pesquisas interessadas pelo fenômeno da plataformização (ver, por exemplo, Abílio, 2020; Antunes, 2018; Braga, 2020; Oliveira et al., 2019).

Na academia, mas também em órgãos governamentais e setores organizados da sociedade civil do mundo todo, há consenso de que as mudanças recentes e as tendências de corrosão dos direitos trabalhistas à vista nos mundos do trabalho exigem redobrada atenção e torna crucial a busca por alternativas para uma mas-

sa de trabalhadores sem perspectivas (Domingues, 2021). Uma escuta atenta ao que pensam trabalhadoras e trabalhadores sobre a realidade que experimentam, observando também as ambiguidades neste quadro complexo, é um primeiro passo para superar os desafios que se apresentam. As análises aqui apresentadas contribuem para ampliar nossa compreensão sobre o imaginário político da população, bem como para o desenvolvimento de uma agenda política que considere a interseccionalidade de gênero, raça e classe no mundo do trabalho brasileiro.

Categorias pesquisadas

Mulheres

- Empregada doméstica
- Vendedora
- Atendente de padaria
- Frentista de posto de gasolina
- Operadora de call center
- Assistente administrativa
- Operadora de máquinas
- Analista financeira
- Promotora
- Cuidadora de idosos
- Auxiliar de limpeza
- Cozinheira
- Assistente de logística
- Operadora de caixa de supermercado
- Auxiliar de cabelereiro,
- Professora de educação infantil
- Vendedora

Homens

- Bancário
- vigilante
- motorista de ônibus
- motorista de caminhão
- manobrista
- auxiliar administrativo
- motoboy
- metalúrgico
- almoxarife
- vendedor
- conferente
- instrutor de academia
- corretor de seguros
- professor de educ. física
- auxiliar de administração
- auxiliar de produção
- distribuidor
- agente social
- técnico de telecomunicações
- cobrador assistente financeiro
- auxiliar de limpeza
- ajudante de pintor

Capítulo 1

MUNDO DO TRABALHO E DIREITOS

Entender como trabalhadoras e trabalhadores por conta própria elaboram sobre sua experiência laboral e sobre como isso se relaciona com os direitos e as redes de proteção social que, historicamente, estiveram ligadas à entrada das pessoas no mundo do trabalho formal.

Mundo do trabalho e direitos

O principal objetivo da nossa pesquisa é compreender como os segmentos da classe trabalhadora que organizam sua vida a partir do trabalho informal e por conta própria elaboram sobre sua experiência laboral e sobre como isso se relaciona com os direitos e as redes de proteção social que, historicamente, estiveram ligadas à entrada das pessoas no mundo do trabalho formal. Nesse sentido, abordaremos nessa seção dimensões da experiência de classe tais como o ingresso e o cotidiano do trabalho por conta própria; qual é a avaliação quanto às condições de trabalho e de vida; que experiências essas pessoas tiveram e/ou conhecem a partir das suas relações sobre o mercado de trabalho formal e como elas e eles percebem e demandam os direitos associados ao trabalho.

Conforme já mencionamos na introdução, a maior parte das trabalhadoras e trabalhadores por conta própria declaram preferência por sua atual situação laboral do que ter um emprego formal regulado pela Consolidação das Leis Trabalhistas, ou, como elas e eles próprios falam com frequência, “ter um trabalho com CLT”. Em paralelo, esse segmento da classe que vive o trabalho por conta própria prefere ter direitos e proteção social à situação atual que é de não possuir esse tipo de benefício.

Entendemos que se trata de um aparente paradoxo, uma vez a experiência de classe dessas pessoas é marcada, ao mesmo tempo, pela superexploração - o que leva à rejeição do trabalho formal - e por uma relação positiva com a democracia, o que gera um desejo de ter direitos sociais e trabalhistas. Assim, o ingresso em modalidades de trabalho por conta própria é frequentemente apresentado como projeto associado a melhora nas condições de vida - algo verificado, inclusive, em situações nas quais os trabalhadores apontam que o trabalho por conta própria foi produto de demissão inesperada. Flexibilidade de horário, ganhos financeiros superiores aos disponíveis no mercado de trabalho formal e a não submissão à figura de um

superior hierárquico são centrais para a percepção positiva do trabalho por conta própria. Alguns relatos expressam bem esta dimensão, que envolvem ganhos objetivos (maior renda) e subjetivos (melhor qualidade de vida).

“A gente se mata num supermercado pra ganhar um salário-mínimo. É muito pouco. É muito estressante e é muito pouco. Como diarista, a gente ganha muito mais. Muito mais...”. (diarista, 40 anos, parda, moradora da Chácara Santa Maria, evangélica, possui ensino médio completo)

“Eu ganhava muito bem no shopping, mas não tinha qualidade de vida. E aí, todas sabem que quem trabalha por conta que a gente tem uma flexibilidade maior para fazer o que a gente quer, depois que temos nossas clientes, a gente tem um pouquinho de qualidade de vida, né?” (designer de sobancelhas, 39 anos, preta, moradora do Parque Cocaia, católica, possui ensino médio completo)

“Ah, você é livre, né? Trabalha da forma que quer, não tem ninguém na sua orelha”. (entregador por aplicativos, 29 anos, pardo, morador do Jaguaré, católico, possui ensino médio completo)

O recorte de gênero produz um relato mais complexo sobre a entrada e a permanência no mercado de trabalho informal. As mulheres, em grande medida, associam esse processo à ausência de políticas públicas de amparo à maternidade e à desigual divisão do trabalho de cuidado dos filhos dentro da família. Mães relatam incompatibilidade entre a necessidade do cuidado das crianças pequenas e a rotina do trabalho assalariado formal, já que não conseguem escolas de horário integral e precisam cuidar dos filhos quando ficam doentes e durante o período de férias escolares, por exemplo. Elas contam que:

“Eu trabalhava registrada no call center aí eu tive a minha filha de seis anos. Quando eu voltei da minha licença nos quatro me-

ses ela não pegou mamadeira. Eu ainda trabalhei três dias, só que ela ficou em casa com fome, minha mãe tentava, tentava dar mamar pra ela e ela não pegou". (manicure e designer de sobrancelhas, 28 anos, parda, moradora de Heliópolis, evangélica, possui ensino superior incompleto)

"Eu comecei a trabalhar de faxineira quando o meu filho nasceu. Eu me separei, fiquei sozinha e não tinha com quem deixar ele pra trabalhar. Eu não tinha com quem deixar ele no sábado, nas férias da escola, eu não tinha quem levasse, quem pegasse. Então eu saí do trabalho pra trabalhar de diarista porque eu consigo fazer o meu horário, trabalhar perto da escola, consigo levar ele na escola..." (diarista, 39 anos, parda, moradora do Jabaquara, católica, possui ensino médio completo)

"Uma empresa, quando você entra, não pode toda hora sair, né? Quando um filho pequeno fica doente... A verdade eles nem pegam né? Você fala que tem filho pequeno eles não querem. Aí pra mim ficou melhor nessa área do salão, eu faço meus horários, tenho horário certinho de pegar ela, de ir lá pra escola". (designer de sobrancelhas, 37 anos, parda, moradora de Heliópolis, evangélica, possui ensino médio completo)

Os relatos negativos sobre o trabalho formal são compartilhados pela maioria dos entrevista-

dos, o que confirma o atravessamento deles pelas dinâmicas de superexploração mesmo com a CLT. Algo que se manifesta até com a presença de educacional superior ou de qualificação profissional em suas trajetórias ou naquelas de conhecidos.

"Eu tenho pessoas conhecidas que têm faculdade, tem duas, três faculdades e as portas de emprego estão fechadas. Digo assim, fechadas pra algo muito bom, salários bons. (...) Assim, as pessoas têm qualificação pra estar ganhando mais de cinco mil, dez mil. Só que estão pagando pelo salário deles aquilo lá embaixo depois dessa pandemia, entendeu?" (diarista, 40 anos, parda, moradora da Chácara Santa Maria, evangélica, possui ensino médio completo)

"Uma pessoa que faz faculdade hoje, ela vai ter o salário de uns quatro mil. Alguém ganha quatro conto aqui? Ninguém, todo mundo ganha mais. Você entendeu o que eu estou falando? É isso. A pessoa que quer crescer na vida, [a saída] é estudar? Porque se for estudar, eu conheço um monte de gente formada que não ganha o que eu ganho trabalhando de Uber". (motorista por aplicativos, 40 anos, pardo, morador do Jardim São Francisco, sem religião, possui ensino superior completo)

Com poucas exceções, os participantes dos grupos focais relataram ter ocupado posições no mercado de trabalho formal por períodos va-

Posições ocupadas previamente por mulheres no mercado de trabalho formal

Empregada doméstica • vendedora • atendente de padaria • frentista de posto de gasolina • operadora de call center • assistente administrativa • operadora de máquinas • analista financeira • promotora • cuidadora de idosos • auxiliar de limpeza • cozinheira • assistente de logística • operadora de caixa de supermercado • auxiliar de cabelereiro • professora de educação infantil • vendedora

Posições ocupadas previamente por **homens** no mercado de trabalho formal

Bancário • vigilante • motorista de ônibus • motorista de caminhão • manobrista • auxiliar administrativo • motoboy • metalúrgico • almoxarife • vendedor • conferente • instrutor de academia • corretor de seguros • professor de educação física • auxiliar de administração • auxiliar de produção • distribuidor • agente social • técnico de telecomunicações • cobrador assistente financeiro • auxiliar de limpeza • ajudante de pintor

riados. Também variadas eram os tipos de ocupações descritas por trabalhadores, sendo mais comum entre as mulheres posições no setor de serviços e, entre os homens, na indústria ou na construção civil. Foram registradas também, tanto por trabalhadores quanto por trabalhadoras, experiência em funções administrativas em empresas privadas de portes variados.

Trabalhadores dos diversos segmentos de atuação ouvidos nos grupos focais descreveram como problemáticas suas experiências de trabalho assalariado. A difícil relação com antigos superiores hierárquicos, as cobranças excessivas e os relatos de humilhação foram compartilhados com frequência, conferindo vida ao diagnóstico sobre a superexploração do trabalho que apresentamos aqui:

“Na empresa que trabalhei 12 anos [tinha um] líder em cada linha de trabalho e as meninas gostavam de conversar muito, né? E não podia estar conversando. A gente tinha que ficar quietinha e as lideranças eram muito rígidas. Acredita que uma delas pegou uma menina e colocou na parede, olhando pra parede o dia inteiro?”
(designer de sobancelhas, 48 anos, parda, moradora de São Mateus, evangélica, possui ensino médio completo)

“Eu trabalhei no CLT e era bem complicado. Era de auxiliar de limpeza. Muito humilhante e eu na rua vendendo os doces não é assim. As pessoas te olham diferen-

te porque estão num cargo maior, te humilham e tudo mais. Aí eu não consegui ficar não”. (doceira, 30 anos, parda, moradora da Vila das Mercês, candomblecista, possui ensino médio completo)

“Eu trabalhava na padaria e eu era atendente (...). Então, assim, o meu chefe, o gerente era muito chato. Chato demais, tipo de ficar cochichando no ouvido. Então, aquilo foi me adoecendo, né? (...) Eu já trabalhei também de call center. Nossa, aquilo é o pior, é um horror e não recomendo pra ninguém. Até quem não tem ansiedade que nem eu chorava. Os clientes me xingavam, eu chorava. Eu pedia ‘dá licença, vou chorar’. E chorava”. (manicure, 27 anos, branca, moradora da Chácara Enseada, evangélica, possui ensino médio completo)

A maioria dos participantes dos grupos focais recusa a ideia de ocupar um posto de trabalho assalariado no futuro. Embora as justificativas para esta recusa sejam heterogêneas, alguns padrões são nitidamente identificados. Para boa parte das trabalhadoras e trabalhadores, a relação de assalariamento implicaria perda de liberdade de definir os horários de trabalho, submissão à figura de um patrão e baixa remuneração – algo muitas vezes associado às experiências de trabalho prévias ou, ainda, a uma avaliação negativa das condições que atravessam o mercado de trabalho formal. Diversos trabalhadores afirmam que considerariam o trabalho assalariado desde que recebessem

propostas muito atrativas, ainda que isto não pareça estar no horizonte deles.

“Você trabalhar pros outros é meio que uma escravidão, você tem horário a cumprir” (manicure e depiladora, 41 anos, branca, moradora do Jardim Campanário, evangélica, possui ensino médio completo)

“Você tem os pros e contras. Só que aí eu não sei se todo mundo aqui concorda, por exemplo, eu não me vejo mais trabalhando em nenhuma empresa entendeu? Porque eles ficam lá o dia inteiro pra poder sair, sabe? Eu quero almoçar com uma amiga minha, eu vou. Quero almoçar com meus filhos, eu vou”. (doceira, 32 anos, parda, moradora do Sacomã, católica, possui ensino superior completo)

“Eu não voltei pra área técnica porque hoje as empresas oferecem um salário muito baixo. Quando você tem apartamento, tem carro pra pagar, tem escola do filho. Então, eu falo que a Uber me deu a possibilidade de falar não pra algumas propostas (...). Hoje pra eu voltar - sou formado em engenharia de telecomunicação -, eu volto só se for para a área de projetos. Para a área técnica, infelizmente, se paga muito pouco”. (motorista por aplicativos, 38 anos, branco, morador do Parque Fongaro, evangélico, possui ensino médio completo)

Os entrevistados, minoritários, que declaram ter o assalariamento como projeto, em geral, possuem experiências passadas positivas e exprimem esperança de retomá-las. A possibilidade de alcançar estabilidade financeira persiste no imaginário de uma parte delas e deles. Outras e outros indicam, ainda, a possibilidade de conjugar trabalho registrado em carteira com o trabalho por conta própria.

“Mas assim, o meu trabalho [registrado] eu gostava, não vou mentir, porque tem a questão social, mas eu gostava de fazer. Eu me sentia bem em tentar tirar aquela

pessoa da rua e levar para um espaço onde ele vai ser acolhido (...). Eu quero ter carteira assinada porque tenho um monte de pensão pra pagar, umas três (...). Eu tenho responsabilidades e tenho que tocar o carro, tirar das pensões. E aí quando eu fico doente eu tenho que tocar o carro assim mesmo”. (motorista por aplicativos, 31 anos, pardo, morador da Vila Prudente, católico, possui ensino superior completo)

“Eu acho que a CLT te dá uma garantia, uma segurança maior. Eu também tenho as minhas clientes, mas eu tenho quando elas aparecem. E quando elas não aparecem? E aí? Que que eu faço? Fico sem dinheiro? Eu não posso. (...) Então, assim, eu ainda pretendo trabalhar como CLT alguma área que eu possa me encaixar, mantendo minhas clientes. Então, eu vou pra CLT e ficar com o extra das minhas clientes. Esse lance de CLT, não que eu queira, é porque dá uma segurança, uma estabilidade maior, tem os benefícios que a gente recebe quando é mandado embora, enfim, te dá uma responsabilidade. Mas o melhor é trabalhar para você mesmo”. (designer de sobancelhas, 39 anos, preta, moradora do Parque Cocaia, católica, possui ensino médio completo)

“Só sendo funcionário público... Tem muita regalia, funcionário público, minha esposa é funcionária pública (...). Porque eu coloco pessoas pra trabalhar pra mim e fico como funcionário público (...). E depois que eu me aposentar, recebo aposentadoria e mantenho o meu box, minhas lojas”. (ambulante, 39 anos, pardo, morador de São Mateus, evangélico, possui ensino médio completo)

A obrigação de cumprir horários rígidos e a remuneração considerada insuficiente pelos trabalhadores e trabalhadoras também marcam as experiências negativas no mercado de trabalho formal.

“Na época eu tirava três mil, três mil e duzentos por mês. Mas você ganha isso pra

infartar, infartei duas vezes já. Cuidar do que é dos outros, chegar estressado, trabalhar muito pra ganhar nada. Na rua, é o que eu falo pra todo mundo, o pessoal fala 'pô, você largou um cargo de analista', 'pô você é gestor, você tem experiência, é formado, você está de motoboy'. Estou. Por quê? Estou na rua, faço o meu horário. Quero trabalhar, trabalho. Não quero, não vou. Faço um valor muito mais acima do que eu ganhava registrado. Quer pagar o INSS? Meu MEI já está fazendo isso por mim com sessenta reais. O desconto das empresas vem rasgando, aí quando você vai ver no final do mês, você tem três [mil] e duzentos na carteira está com dois [mil] e cem no pagamento. Que adianta isso? Dois e cem a gente faz em duas semanas de trabalho ou até menos. (entregador por aplicativos, 36 anos, branco, morador do Jardim Eliza Maria, messiânico, possui ensino superior completo)"

Não que seja fácil. Todo dia uma luta. Mas, assim, eu consigo conciliar os dias eu consigo levar meus filhos na escola às vezes eu posso pegar, né? E a questão do valor também... como eu trabalho pra mim mesma, a minha renda aumentou. Eu ficava presa, ganhava bem menos. Agora consigo ganhar mais. Antes eu trabalhava numa empresa de assistente de logística. (...) Hoje em dia não é fácil, mas é uma coisa que me traz benefícios. De alguma forma, eu consigo mandaram o sustento pra minha casa ajudando o meu esposo e consigo ficar mais com meus filhos". (diarista, 31 anos, branca, moradora do Jardim Santa Adélia, evangélica, possui ensino médio completo)

Este último relato indica que essas trabalhadoras e trabalhadores não têm uma visão idealizada sobre o trabalho e não hesitam em relatar os desafios e dificuldades da vida laboral por conta própria. Por exemplo, em todos os grupos focais foi predominante a avaliação de que a concorrência nos diversos segmentos de atuação aumentou consideravelmente nos últimos

anos, como consequência do nível elevado de desemprego no país. Os trabalhadores também observaram crescimento dos custos envolvidos nas atividades que desempenham. A pandemia é recorrentemente citada como marco dos aumentos de concorrência e custo.

"É, por conta da pandemia aumentou [a concorrência]. Então foi mais gente pra rua, foi mais motoca. Então, querendo ou não, as taxas diminuiram, né? Por conta da [concorrência] grande de motoboy. (entregador por aplicativos, 25 anos, pardo, morador do Itaim Paulista, evangélico, possui ensino médio completo)"

Muita gente [que] está desempregada veio para a área da beleza. Muita gente tá desempregada, você não tem mais aquele cliente porque as pessoas tão fazendo [unha] só quando precisam de verdade. E também os nossos materiais aumentaram muito e a gente não pode aumentar os nossos preços porque está todo mundo desempregado. Então ficou muito complicado depois dessa pandemia. (micropigmentadora, 50 anos, branca, moradora de Campanário, sem religião, possui ensino superior completo)

A questão é que há uma ponderação bastante desenvolvida nessas pessoas de negociação entre esses problemas e aquilo que elas conquistam. A relação entre esforço de trabalho e renda expressa perfeitamente isso. As trabalhadoras e trabalhadores descrevem rotinas de trabalho longas, declaram ter pouco tempo para descanso e lazer, fazendo também alusão às pesadas cargas mental e física envolvidas em modalidades do trabalho por conta própria. O número de horas trabalhadas semanalmente varia de acordo com as modalidades de trabalho exercidas. Trabalhadoras dos segmentos de beleza e alimentos contam ter jornadas mais longas em períodos de datas festivas, enquanto motoristas e entregadores registram maior movimento nos finais de semana. Ainda que discorram sobre jornadas exaustivas, eles também observam um incremento na renda que compensa a baixa deman-

da do mês seguinte em períodos de menor movimento e contam que procuram estabelecer dias de folga, mas a depender das contas a pagar, trabalham qualquer dia e tarde da noite também, caso haja demanda. As dívidas e contas da casa e a incerteza e as aspirações ditam o tempo do trabalho. No caso das mulheres, em particular, o tempo do trabalho é frequentemente organizado em torno do cuidado das crianças.

“[O número de horas de trabalho] depende da dívida. Aumentou a dívida? Doze, treze horas... Porém também vêm os prejuízos depois: problema de saúde, muito tempo sentado, uma hérnia de disco... Aí, final de semana, é o dia todo, sábado e domingo. Desde as seis, sábado começa seis horas, vou até sete, oito horas da noite”. (motorista por aplicativos, 35 anos, branco, morador do Parque Santo Antônio, monoteísta, possui ensino superior incompleto)

“Eu faço a minha meta. Tipo, tem vezes que eu vou [fazer faxina] quatro vezes [na semana], mas aí eu já vejo o valor que vai dar, né? Porque a gente pode pegar um resfriado e ficar doente. Então eu sempre faço certinho pra ter o aquele dia pra cobrir que aconteça algum imprevisto comigo”. (diarista, 31 anos, parda, moradora da Vila Prudente, evangélica, possui ensino médio completo)

“Eu trabalho mais na parte da noite. Coloco meus filhos pra dormir, aí eu vou das sete até uma, duas horas da manhã... e faço um pouquinho todo dia”. (salgadeira, 36 anos, branca, moradora de Pirituba, evangélica, possui ensino superior completo)

É interessante analisar essa ponderação na relação que elas e eles elaboram com a noção de exploração, a qual varia bastante conforme o segmento. Mulheres que trabalham no setor de beleza afirmam não se sentirem exploradas ao trabalharem por conta própria, mas associam a ideia de exploração ao trabalho em salões de beleza. Mulheres que atuam no segmento de

alimentos, por outro lado, associam a ideia de exploração aos serviços domésticos. Entre diaristas a exploração é associada ao emprego fixo representado pela figura da patroa.

“Quando eu trabalhava registrada [eu me considerava explorada] sim. Agora eu vendo o meu serviço, né? Eu sou autônoma, então eu vendo: ‘olha, eu trabalho de diarista, você paga X, eu trabalho tal horário’ (...). A gente é diarista, você prestou o serviço ali e tchau, vai pra sua casa. Agora a patroa não. Ela manda na gente, né? Que tipo assim, a gente tem um horário de das sete às cinco e se a gente chegar sete e dez minutos ali ela vai cobrar pra você ficar até cinco e dez.” (diarista, 31 anos, parda, moradora da Vila Prudente, evangélica, possui ensino médio completo)

Já entre os ambulantes, já a ideia de exploração é diretamente associada à CLT

“Quando eu trabalhei registrado, eu sofri que nem um cavalo (...). Foram três anos, era cada situação ali... constrangimento



na frente de cliente (...). Tinha que fazer muita coisa, então ela acaba colocando uma pessoa pra fazer cinco funções". (ambulante, 45 anos, pardo, morador da Jabaquara, sem religião, possui ensino médio completo)

Quanto aos motoristas e entregadores, boa parte se considera explorados pelos aplicativos no que diz respeito aos valores que recebem pelos serviços que prestam.

[Moderadora: você acha que vocês são trabalhadores explorados?] "Muito. Muito! Vamos supor, é pra rodar vinte KM, aí dependendo do aplicativo vai pagar vinte reais e ainda cobra a taxa deles. Em vez de passar para o cliente que é usuário final, não. Ele quer passar pro motoboy e retira o lucro do motoboy. Já está ganhando pouco e aí ganha menos ainda por conta disso". (entregador por aplicativos, 20 anos, preto, morador de Itaquera, evangélico, possui ensino médio completo)

"Eu não me sinto explorado porque eu sou autônomo, trabalho por conta própria. Então

eu que faço meu trabalho, faço meu horário se eu quiser trabalhar vinte e quatro horas, eu trabalho, se precisar trabalhar duas ou trabalha mais do que duas. O aplicativo não me obriga a trabalhar". (motorista por aplicativos, 47 anos, preto, morador do Jardim da Conquista, espírita, possui ensino médio completo)

"Ela [a Uber] sabe a condição, o perfil do trabalhador brasileiro, tá todo mundo procurando emprego, então ela fala ó, eu tenho essa oferta aqui pra vocês motoristas, vocês querem se sujeitar? Então ela não coloca uma faca no seu pescoço e manda você trabalhar, mas ela entende que existe uma demanda de pessoas desempregadas, né? E fala, ó, isso aqui". (motorista por aplicativos, 37 anos, pardo, morador de Veleiros, evangélico, possui ensino superior incompleto)

Essa percepção plural sobre exploração abre o leque para analisarmos duas dimensões fundamentais para a nossa pesquisa: a identidade que essa parcela da classe trabalhadora desenvolve, especialmente nos modos como eles se veem enquanto trabalhadores ou não; e, finalmente, o modo como percebem e demandam direitos.

A análise dos grupos focais revelou padrões e nuances em relação ao modo como participantes de diversos segmentos do trabalho não assalariado acionam identidades ligadas ao trabalho. "Trabalhador(a)", "autônoma(a)", "por conta própria" ou "por conta" são expressões vastamente mobilizadas que não apresentam rejeição. O termo "empresário(a)" é associado propriedade de bens ou, ainda, à contratação de funcionários e isto faz com que sejam raros os trabalhadores que se identificam como tal. Já "empreendedor(a)" é recorrentemente mobilizado e quase sempre carrega conotação positiva, sendo associado a capacidade individual de superar obstáculos, criatividade, dinamismo ou formalização das atividades laborais. "Empreendedorismo" é também expressão remetida à ideia de sucesso, representando assim uma aspiração para boa parte dos trabalhadores e trabalhadoras ouvidos. Ser "microempreende-



dor” é frequentemente associado a conquistas materiais e simbólicas. Por outro lado, cabe assinalar que, nos diferentes grupos, foram registradas percepções particulares e, eventualmente, antagônicas, em torno dos diferentes modos de nomear os trabalhadores.

“Eu acho que, como autônoma, a gente executa o nosso trabalho ali por conta, mas é isso. A gente não criou nada, a gente não tem o nosso negócio... Tudo isso eu acho que tem a ver com ser empreendedor, né?” (designer de sobancelhas, 26 anos, branca, moradora da Vila Maria Alta, evangélica, possui ensino superior incompleto)

“Todo mundo que tá aqui é empreendedor, só não tá regularizado. É. Mas a gente é empreendedor, né? Se tivesse se o governo fizesse a fiscalização e liberasse a licença. Talvez não ia ter tanto problema assim”. (ambulante, 41 anos, branco, morador de Pirituba, sem religião, possui ensino médio completo)

“Eu queria ser empresária. Na verdade, na verdade eu gostaria de abrir uma esmalteria e colocar pessoas pra trabalhar e comandar aquilo. Empresária, pra mim, eu ia mais cuidar e administrar. E autônoma eu tenho que ralar. Essa é a realidade”. (manicure, 31 anos, parda, moradora da Vila Prudente, evangélica, possui ensino médio completo)

O segmento de transportes por aplicativos apresenta particularidades quanto ao empreendedorismo em especial pela forma de controle praticada pelas corporações que gerenciam as plataformas. Não há consenso entre os participantes sobre a adequação do termo “empreendedor” para descrever suas posições de motoristas e entregadores no mercado de trabalho (apenas uma parcela se reconhece como tal). Por outro lado, a expressão “parceiro dos aplicativos” é aceita e utilizada de forma espontânea.

“Eu sou empresário porque o nosso carro é o nosso patrimônio, é a nossa empresa (...).

A gente tem o nosso carro ali, o nosso carro é o nosso FGTS”. (motorista por aplicativos, 29 anos, preto, morador do Campo Limpo, sem religião, possui ensino médio completo)

“Se você é microempreendedor, você monta um sacolãozinho [por exemplo]... ninguém vai lá querer pagar cinquenta, vinte e cinco centavos na sua banana ou na sua laranja. É o seu preço. Agora, no nosso caso, o aplicativo, a gente não tem opção de falar assim: ‘eu vou lá fazer uma entrega para o restaurante, quero ganhar oito reais, quero ganhar dez reais’. Eu não tenho essa opção. Então eu não tô empreendendo nada...”. (entregador por aplicativos, 38 anos, preto, morador do Jardim Amália, católico, possui ensino médio completo)

“Eu já levo pro lado microempreendedor, sim. Porque querendo ou não, mesmo sendo o meu trabalho que nem eu estou saindo pra fazer, eu não faço só isso, é desse serviço aqui que eu começo a investir nas outras coisas que eu tô fazendo. Então é um microempreendimento, sim. É daqui que eu tiro o dinheiro. Tô trabalhando pra mim, eu tenho registro, tenho meu CNPJ, tudo certinho”. (entregador por aplicativos, 36 anos, branco, morador do Jardim Eliza Maria, messiânico, possui ensino superior completo)

Uma questão fundamental para todas e todos é a percepção do valor social das atividades desempenhadas. Os participantes dos grupos focais afirmam a importância de seu trabalho. Ao mesmo tempo, se queixam da falta de reconhecimento social – e do estigma, em certos casos – junto a estratos mais amplos da população.

“Eu pretendo trabalhar o resto da minha vida como manicure na área da beleza porque se eu estiver estressada e chegar uma cliente eu fico calma na hora. Você dá autoestima, você ouve a história dela, você faz aquele desenho, faz alguma coisa na unha, e [pensa] ‘nossa, gente, fui eu que fiz’”. (manicure, 39 anos, parda, mo-

radora da Freguesia do Ó, evangélica, possui ensino médio completo)

“Eu já tive vergonha de falar, né? Profissão quando me perguntaram, já tiveram vergonha? Vocês já tiveram? [Todas respondem que sim]. Você tá num ambiente e o pessoal é diferente de vocês, tá? Tem outro tipo de profissão. E aí pergunta pra mim... Eu sempre falo assim, eu trabalho com estética. Eu nunca falo exatamente o que que é”. (designer de sobrancelhas, 26 anos, branca, moradora da Vila Maria Alta, evangélica, possui ensino superior incompleto)

“Na pandemia, nós éramos os salvadores da pátria né? Agora [somos] os principais causadores de assaltos”. (entregador por aplicativos, 38 anos, preto, morador do Jardim Amália, católico, possui ensino superior incompleto)

Uma vez que valorizam suas escolhas, o fato é que a noção de precariedade – muito usada no campo acadêmico e na esquerda para caracterizar esses setores – é pouco conhecida e mesmo rejeitada pelas trabalhadoras e trabalhadores por conta própria. Em geral, este segmento enxerga a situação de penúria enfrentada por outras pessoas como precárias ou remete ainda à desvalorização do trabalho.

“Eu não entendo como precariedade, porque acho que precariedade é um cenário muito abaixo, né? Eu não digo que eu vivo a precariedade porque eu acho que a precariedade é isso que a gente vê no nosso estado, no nosso país... é a fome, a miséria... Acho que a gente ainda consegue se virar porque manicure é indispensável. Além do embelezamento ela é higiene, só que não tem esse reconhecimento. Mas eu não digo precariedade porque a gente é muito necessitada. As pessoas procuram muito. Então não tem essa precariedade, tá?”. (manicure, 31 anos, parda, moradora da Vila Prudente, evangélica, possui ensino médio completo)

“Uma situação precária de falta de coisas, não pode pagar as contas, falta de dinheiro, falta de comida, vulnerabilidade entre a vulnerabilidade também. Conseguir se sustentar, né? [E precariedade no trabalho?] É quando não tá dando certo, quando faz de qualquer jeito... quando está faltando alguma coisa também, falta alguma coisa pra você desenvolver, aquela tarefa”. (confeiteira, 38 anos, branca, moradora da Lapa, evangélica, possui ensino superior incompleto)

Por outro lado, quando abordamos o tema dos direitos e de como essas trabalhadoras e trabalhadores demandam proteção social, notamos que a rejeição ao trabalho registrado em carteira, que já analisamos mais acima, não implica em falta de interesse pelos direitos que os acompanham. E, ainda que os debates entre eles revelem descrença em relação a capacidade de o poder público promover melhores condições de vida para a população, permanece vivo no imaginário da maioria a ideia de que cabe ao governo garantir seus direitos. Vamos explorar essa dimensão na última seção do relatório.

“Difícil nos animar porque é uma falta de oportunidade... talvez o governo olhar pra gente... dar uma bolsa, dar um incentivo, dar um ânimo, alguma coisa. Porque a gente é ignorada. Vendedor ambulante é guerreiro. O catador de lixo é guerreiro. A manicure não... é preguiçosa, é como se não fosse trabalho. Então não tem um amparo, né?” (manicure, 31 anos, parda, moradora da Vila Prudente, evangélica, possui ensino médio completo).

Todas e todos expuseram preocupações com a ausência de proteções em caso de acidentes ou doença, além de reconhecerem a necessidade do acesso a benefícios previdenciários. Ainda assim, uma parcela das trabalhadoras e trabalhadores encaram a corrosão dos direitos trabalhistas como algo irreversível e/ou expressam suspeição sobre a capacidade do poder público garantir tais direitos.

“Eu tenho duas irmãs que são professoras e elas vão se aposentar por direito com o que elas ganham atualmente e eu não. Eu sou microempreendedora e, se eu me aposentar amanhã, e eu me aposento com salário-mínimo. Então, isso é preocupante pra mim”. (micropigmentadora, 50 anos, branca, moradora de Campanário, sem religião, possui ensino superior completo)

“Se Deus me der força, sei lá quantos anos eu vou viver mais... quero trabalhar até o final da vida porque é uma área que eu gosto. (...) Pelo que eu compreendo de aposentadoria, eles estão pagando a aposentadoria dos que vão se aposentar futuramente (...). Então os que trabalham hoje registrados estão pagando aposentadoria dos outros que já estão aposentados, e você não sabe se você vai ter essa garantia. (manicure e depiladora, 41 anos, branca, moradora do Jardim Campanário, evangélica, possui ensino médio completo)

A instabilidade é reconhecida como uma das principais desvantagens do trabalho por conta própria e para driblar a vulnerabilidade lançam mão de estratégias individuais ou familiares.

“Eu fiquei doente, aí na época tinham roubado o meu carro. Foi uma sequência (...) roubaram meu carro, aí eu comecei a alugar, aí fiquei doente. Fiquei ruinzão a semana inteira, final de semana chegou na sexta eu fui fazer. Aí eu consegui bater o carro e os caras da locadora cobraram uns dois paus para arrumar. Aí tinha que pagar. Então tipo toda grana que eu tinha juntado já era e se eu não tivesse juntado nada eu estava mais lascado ainda. Depois comprei um outro carro e, beleza, aí começou a andar de novo. Só que, foi complicado”. (motorista por aplicativos, 31 anos, pardo, morador do Jardim Satélite, evangélico, possui ensino superior completo)

A pandemia foi um momento em que esta instabilidade custou caro na vida dessas pessoas e em muitos casos surge como ponto de virada em

suas trajetórias. Parte deles conta que passou a exercer (ou retomar, em alguns casos) o trabalho por conta própria logo após terem perdido seus empregos no mercado de trabalho formal.

“Eu era analista financeira e fazia doces em períodos específicos no ano, como Páscoa, festas juninas... eu perdi o emprego na pandemia e resolvi focar nisso. Havia muitos pedidos e isso continuou, perpetuou e eu resolvi me dedicar, fiz cursos, então eu continuo nessa área”. (doceira, 36 anos, preta, moradora do Jardim Santa Bárbara, católica, possui ensino superior completo)

“Minha esposa era ambulante primeiro e eu trabalhava registrado. Então o serviço de ambulante eu fazia como uma forma de complementar a renda. E aí quando veio a pandemia eu fui mandado embora e aí a gente se dedicou cem por cento”. (vendedor ambulante, 33 anos, preto, morador do Jardim Nordeste, católico, possui ensino médio completo)

“Então, já trabalhei muito com carteira assinada graças a Deus, mas como eu falei veio a pandemia né? Baixaram as portas de algumas empresas aí que eu trabalhei. Então aí eu optei mesmo por ser eu dona do meu próprio negócio”. (manicure, 50 anos, branca, moradora da Vila Prudente, espírita, possui ensino superior completo)

As principais demandas dos trabalhadores são por financiamentos que baixem os custos do trabalho e lhes permitam realizar investimentos, ter proteção em situações de doença, além de cursos de capacitação e especialização. Benefícios sociais voltados a categorias profissionais específicas são aprovados e reivindicados por trabalhadores atuantes em segmentos que não são contemplados pelos programas.

“[O governo pode ajudar] criando leis, implementando melhorias em tudo, no geral, tipo, educação, saúde, na parte de assistências... por exemplo, nós, na área da beleza.

Criar uma lei que favoreça um pouco a área da beleza, leis do INSS, tudo. Fazer uma lei colocando a área da beleza junto... a partir de hoje vocês terão direito a um pagar meia num vale transporte, a partir de hoje o curso de vocês, trinta por cento o governo vai estar auxiliando, custeando melhorias. Mas tem cursos meus que eu faço, que é dois mil, dois mil e pouco, o material eu que pago". (manicure, 39 anos, parda, moradora da Freguesia do Ó, evangélica, possui ensino médio completo)

"Poderiam ter mais cursos pra gente fazer mais cursos, se especializar mais na área. (salgadeira, 36 anos, branca, moradora de Pirituba, evangélica, possui ensino superior completo)

"Seria interessante a gente ter um auxílio, nem que fosse de trezentos reais no mês pra ajudar a repor algodão, lâmina, henna, palito, lixa. Eu costumo comprar de mais de uma. Quando sua henna está acabando, seu filho adoece aí você não sabe se você compra a henna ou se você leva ele para o médico, se você compra uma fralda...". (manicure e designer de sobrancelhas, 28 anos, parda, moradora de Heliópolis, evangélica, possui ensino superior incompleto)

"Tem Bolsa Família, tem bolsa gás, tem bolsas de todo tipo... ah se tivesse uma bolsa empreendedora...". (doceira, 27 anos, branco, moradora do Jardim Virgínia Bianca, católica, possui ensino superior completo)

"O outro tem um auxílio emergencial. Teve auxílio pra caminhoneiro e porque não teve auxílio pra gente?! Mas taxista, caminhoneiro...". (diarista, 40 anos, parda, moradora da Chácara Santa Maria, evangélica, possui ensino médio completo)

Ao mesmo tempo que reivindicam fixação das taxas cobradas dos motoristas pelas empresas, os trabalhadores do setor de transportes rejeitam formas de regulamentação que aproximem as atividades que exercem de modalidades de vínculo empregatício.

"Acho que deveria fazer uma regulamentação de valor fixo, de taxa fixa... depois você [decide], ah, vou cobrar vinte por cento nessa, vinte e dois, quarenta, cinquenta reais. [Precisaríamos de] uma regulamentação de valor fixo, ó, X é X e pronto, para todas corridas. (motorista por aplicativos, 35 anos, branco, morador do Parque Santo Antônio, monoteísta, possui ensino superior incompleto)

"Eles estavam querendo registrar o motorista de aplicativo e não sei como seria. Mas eu acredito que ia ser um salário-mínimo, porque como é que ia gerar um salário? Me fala aí quanto você ganha, então vou deixar você com sete mil? Tá dando essa discussão. Eu não seria muito a favor não. (motorista por aplicativos, 31 anos, pardo, morador da Vila Prudente, católico, possui ensino superior completo)

"Porque se você tem um vínculo empregatício, o cara tem que trabalhar, então, se essa semana não quiser trabalhar, como é que fica? Porque se eu estou registrado agora eu não tenho mais essa liberdade". (motorista por aplicativos, 24 anos, branco, morador do Parque Araribá, evangélico, está cursando ensino superior)

"Nem autônomo, nem CLT, uma terceira regra igual fizeram em alguns países, você trabalhou vinte horas, você vai receber um fixo ou alguma coisa, ter os direitos referente aquelas vinte horas que você trabalhou, um exemplo, teria que ter uma terceira regra. A gente não cabe nem no CLT, nem no autônomo, na minha opinião". (motorista por aplicativos, 34 anos, branco, morador do Curuçá, católico, possui ensino médio completo)

"Eu acho que assim, quem opta pelo aplicativo não tá muito interessado nos direitos trabalhistas". (entregador por aplicativos, 25 anos, pardo, morador do Itaim Paulista, evangélico, possui ensino médio completo)

“Quanto que vai onerar na renda que nós tiramos no mês? Porque assim, não adianta a Uber chegar e falar, ó, você vai ter convênio médico, você tem vale alimentação, vale refeição, então, no mês que você fecha oito mil, você começa a fechar três mil e meio, porque o resto foi para os benefícios. Volta a CLT, você se submete a esse valor, só que você não paga a sua conta”. (motorista por aplicativos, 38 anos, branco, morador do Parque Fongaro, evangélico, possui ensino médio completo)

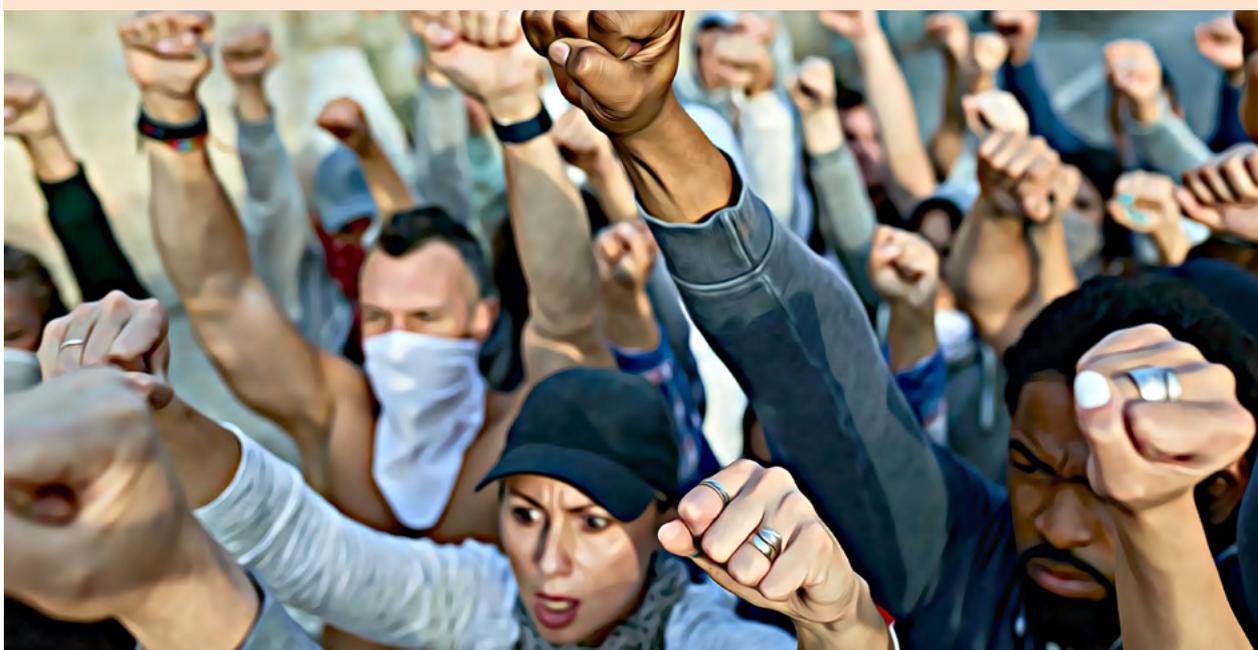
“Pra ter tudo isso aí teria que ter um vínculo com ele e aí eles não querem. Ninguém quer. Nenhum motorista quer”. (motorista por aplicativos, 37 anos, branco, morador de São Mateus, sem religião, possui ensino médio completo)

Os relatos acima mostram que há sim uma consciência de direitos forte entre as trabalhadoras e trabalhadores por conta própria, pautada em um diagnóstico de que suas condições de trabalho são difíceis e estão se deteriorando e que é viável criar condições de proteção social através da ação do governo. Trata-se de um conjunto de demandas que se insere no cálculo que essas pessoas fazem quanto às jornadas de trabalho e ganho de renda. Querem direitos sim, sem que isso implique tipos de formalização que os façam perder a liberdade de fazer seus horários e de não ter patrão.

Na próxima seção, vamos explorar como esses sentimentos se expressam nos temas do individualismo e do associativismo.

Síntese

A experiência de classe dessas trabalhadoras e trabalhadores é marcada, ao mesmo tempo, pela superexploração - o que leva à rejeição do trabalho formal - e por uma relação positiva com a democracia, o que gera um desejo de ter direitos sociais e trabalhistas. Eles querem direitos sim, sem que isso implique tipos de formalização que os façam perder a liberdade de fazer seus horários e de não ter patrão.



Capítulo 2

ASSOCIATIVISMO E INDIVIDUALISMO

Analisar como segmentos da classe trabalhadora que organizam sua vida a partir do trabalho informal e por conta própria elaboram sobre mobilidade social, buscando entender a relação entre seus esforços individuais (e o papel das redes sociais nisso) e das dinâmicas coletivas, tanto das redes familiares quando das formas tradicionais de organização coletiva.

Associativismo e individualismo

A experiência de classe dessas trabalhadoras e trabalhadores é marcada por muitas dificuldades e limitações. Por exemplo, praticamente a totalidade dos participantes dos grupos focais declararam situação de endividamento. Por outro lado, é notável como, nos grupos focais, as razões e a atribuição de responsabilidade por esse problema das dívidas variam substancialmente. Estas abarcam políticas macroeconômicas, passando pela necessidade de gastos atrelados ao trabalho e chegando, ainda, a fatores subjetivos. Com certa frequência, surgem associações que culpam ora as políticas de transferência de renda e ora resultam em uma auto responsabilização pelo problema devido a comportamentos individuais considerados perdulários.

“O motor do meu carro quebrou, tive que refazer inteiro, sete conto e tive que pegar emprestado, não tinha como pegar crédito”. (motorista por aplicativos, 23 anos, pardo, morador da Vila Rica, evangélico, possui ensino médio completo)

“Nos quatro anos anteriores eu estava investindo e, de janeiro pra cá, tudo fechou. Aumentou inflação e aumentam só dezoito reais o salário-mínimo (...) mas mesmo assim quando aumenta o salário mínimo tudo aumenta junto. O que adianta aumentar o salário-mínimo se o cara vai lá, aumenta imposto, começa a aumentar todo tipo de imposto em cima, todo tipo de taxaço? Como é que a gente vai sobreviver? (...) Eu estava conseguindo investir e nos últimos quatro meses só tô me endividando”. (entregador por aplicativos, 36 anos, branco, morador do Jardim Eliza Maria, messiânico, possui ensino superior completo)

“A culpa é nossa. Porque, assim, a pandemia acabou com a gente? Acabou. Mas não sei vocês... aquele tempo que estava dando



mil e duzentos (...). A gente só esbanjou esse dinheiro porque ele vinha fácil. Eu acho que se desde ali a gente tivesse se organizado...” (manicure e designer de sobancelhas, 28 anos, parda, moradora de Heliópolis, evangélica, possui ensino superior incompleto)

Dimensões coletivas e individuais se misturaram o tempo todo nos valores e elaborações desse segmento da classe trabalhadora. O que o campo nos mostra é que há sim uma hegemonia dos valores ligados à meritocracia individualista, mas que isso não anula a possibilidade de valorização de dinâmicas coletivas. Para explorar esta tensão, vamos analisar nessa seção as percepções sobre mobilidade social, o modo como as redes sociais e as plataformas organizam a vida desses trabalhadores; o papel das redes familiares no cotidiano dessas trabalhadoras e trabalhadores; e também suas percepções sobre as formas tradicionais de organização coletiva.

Os trabalhadoras e trabalhadores dizem acreditar que qualquer pessoa pode melhorar suas condições de vida, desde que tenham foco, força



de vontade, disciplina, disposição para trabalhar duro, persistência e pensamento estratégico. A análise das respostas espontâneas revela que as melhorias de condições de vida são mais imediatamente associadas a atributos individuais do que às lutas coletivas. O segmento de trabalho que revelou maior ceticismo em relação a perspectiva de melhorias de vida a partir do esforço individual foi o das diaristas.

“[melhorar de vida] Depende de uma constância. Vai depender muito de uma constância, dessa soma de fatores: estratégia, disciplina, regras... não acontecer imprevistos em determinados períodos. Se você pegar um ano trabalhando forte, legal, com tudo isso que eu falei, pô...”. (motorista por aplicativos, 31 anos, pardo, morador do Jardim Satélite, evangélico, possui ensino superior completo)

“Depende mais de si mesmo. (...) é você saber trabalhar com seu dinheiro, saber ali fez um valor, bateu sua meta, saber o que dá pra você fazer a mais, conseguir guardar um pouquinho, porque o dia de amanhã nin-

guém sabe”. (ambulante, 26 anos, pardo, morador da Vila Nova, sem religião, possui ensino fundamental incompleto)

“Depende tudo de nós, né? Do esforço do dia a dia, você saber o quanto você quer batalhar pra você ter as suas coisas”.

(entregador por aplicativos, 28 anos, branco, morador da Cidade A E Carvalho, sem religião, possui ensino médio completo)

Essa dimensão individualista parece reforçada pelo papel das redes sociais e das plataformas na vida e na organização laboral dos entrevistados. Os trabalhadores e trabalhadoras dos diversos segmentos pesquisados indicam que as plataformas de redes sociais são indispensáveis para o trabalho. Os tipos de uso variam de acordo com os setores de atividade profissional. Para diaristas, o único uso frequente registrado é do WhatsApp para comunicação com clientes. Trabalhadoras do setor de beleza e de alimentos, por outro lado, utilizam redes sociais como Instagram, Facebook, YouTube e TikTok para aprender técnicas, obter dicas, buscar inspirações, divulgar produtos e serviços, receber encomendas. Também utilizam as redes para divulgação os vendedores ambulantes e alguns contam, ainda, que possuem espaços online onde realizam venda de produtos. Motoristas e entregadores integram grupos de WhatsApp de trabalhadores e, ainda, utilizam aplicativos de troca de mensagens para agendar serviços de clientes particulares.

“Eu tenho dois perfis. Um pessoal e outro profissional. Aí eu tenho um perfil só profissional que eu posto só foto disso e eu pesquisei muito também sobre como chamar atenção de cliente que tá lá assistindo vídeo. Eu sou péssima em falar em vídeo, eu tenho muita vergonha, mas eu tô tentando destravar isso porque eu acho que isso chama atenção. Quando eu atendo uma cliente, eu já falo pra ela no ir Instagram, ela me adiciona...”. (designer de sobancelhas, 26 anos, branca, moradora da Vila Maria Alta, evangélica, possui ensino superior incompleto)

“Facebook, Instagram, grupo de desapego, essas coisas aí... Status do WhatsApp. A galera vai divulgando. A ferramenta, a internet usam bastante, né? Funciona. Tem gente que trabalha só assim, né? Só na internet né? Faz o lá o esqueminha lá, você se cadastra na Shopee, essas coisas... Do meu é setenta por cento eu vendo pela internet”. (ambulante, 41 anos, branco, morador de Pirituba, sem religião, possui ensino médio completo)

“Um amigo meu, saiu da estação. Ele vende óculos. E aí ele vai se jogando nos status dele, no Instagram dele e o pessoal vai pedindo. Então você não vai ter tempo pra montar na rua e ficar levando (...). Eu vendo na rua, mas tipo tem dia semana que é fraco, então pego uns dois dias da semana e pego o pessoal da internet, aí vou fazer as entregas”. (ambulante, 39 anos, pardo, morador de São Mateus, evangélico, possui ensino médio completo)

“Eu nunca fiz nenhum curso. Eu entrei num grupo [de Facebook] de brigadeiro na rua, fiquei um ou dois meses estudando e peguei todas as dicas lá. E aí eu comecei a fazer e aí muitas vezes até hoje deu certo”. (doceira, 32 anos, parda, moradora do Sacomã, católica, possui ensino superior completo)

“Eu participo do grupo [de WhatsApp], já tive problema na moto de madrugada e dentro do grupo mesmo, nem conhecia o rapaz, foi lá, me ajudou. Foi pegar uma Saveiro na casa dele pra levar minha moto até em casa... um ajuda o outro”. (entregador por aplicativos, 36 anos, branco, morador do Jardim Eliza Maria, messiânico, possui ensino superior completo)

“Eu deixo o celular ligado conforme as encomendas vão chegando, das dez às dez, das dez à meia-noite...” (boleira, 35 anos, branca, moradora do Butantã, católica, possui ensino superior incompleto)

Diversos trabalhadores nomeiam influencers de suas áreas de atuação e declaram acompanhar cotidianamente o conteúdo produzido por eles. Alguns também fazem relatos de cursos e de contratação de consultores (“coaches”) através das redes sociais. Para os segmentos de alimentos, venda ambulante e beleza, a internet e as redes sociais, em particular, são consideradas ferramentas de crescimento.

“Teve um workshop que eu participei que tinha o coach das manicures. Meu, depois daquilo, mudou minha mente (...). Eu aprendi isso com o coach das manicures, quando fiz o workshop com ele. Na hora de abrir a agenda, eu posto assim: agenda da semana aberta, posto uma imagem de uma última unha [que fiz], aí faço um esquema, quando já passou algumas horas eu escrevo, gente: agenda tá acabando, pouquíssimos horários. Aí chove de gente marcando”. (manicure, 39 anos, parda, moradora da Freguesia do Ó, evangélica, possui ensino médio completo)

“Pelo menos onde eu moro, é modinha. Onde eu moro tem muito jovem. Eu trabalho com batata frita, essas porções e tal. A galera está bebendo, eles vão comprar, eles querem postar, eles querem mostrar que estão comendo alguma coisa (...), vai indicando pro outro e vai subir marca no Instagram” (marmiteira, 35 anos, branca, moradora de Itaquera, católica, possui ensino médio completo)

“Ontem eu fechei uma parceria, essa roupa que eu tô usando, esse sapato aqui, ó, é tudo que eu ganhei, eu ganhei cinco kit de roupa, ganhei três sapato, ó, três sapato (...). E eu vou ter que divulgar roupa, esse negócio que eu tô usando, tudo isso foi o que eu ganhei (...). Um empreendedor que tem boxe na vinte e cinco me contratou pra isso”. (ambulante, 41 anos, branco, morador de Pirituba, sem religião, possui ensino médio completo)

As estratégias individuais para o progresso material e na vida laboral são acompanhadas de um

reconhecimento do papel de dinâmicas coletivas em suas trajetórias, a começar pela família, que aparece como rede de apoio fundamental para o trabalho por conta própria. Muitas vezes, os familiares dos trabalhadores dão incentivos para o início do trabalho, divulgam seus serviços entre pessoas de suas redes de relações, emprestam capital inicial, oferecem conselhos, assumem tarefas complementares como entrega de produtos e contribuem com apoio emocional. A família constitui, ainda, o principal motivador do trabalho – algo declarado, em especial, por mulheres se ocupam sozinhas do cuidado dos filhos.

“Trabalhei cinco anos como auxiliar administrativo, aí saí da empresa através da minha cunhada que já era ambulante, ela me ensinou o caminho, né?”. (vendedor ambulante, 33 anos, pardo, morador do Jardim Santa Adélia, católico, possui ensino médio completo)

Eu já trabalhei com o designer gráfico, dessa área eu fui pra telemarketing, e aí depois eu fui para o shopping. Minha mãe é manicure e ela deu essa ideia: ‘faz um curso de design de sobrancelhas, quem sabe de repente as coisas caminham para você’. (designer de sobrancelhas, 39 anos, preta, moradora do Parque Cocaia, católica, possui ensino médio completo)

Eu tô trabalhando com o [automóvel] do meu pai, porque é um carro mais novo, né? E atinge outras categorias. Eu não preciso pagar aluguel porque é meu pai. (motorista por aplicativos, 37 anos, pardo, morador de Veleiros, evangélico, possui ensino superior incompleto)

“Aí você se perguntar pra gente tudo aqui, cada uma vai falar. Vai falar do seu jeitinho, com as suas palavras. Mas no final, o nosso foco sempre é os filhos. Olha, eu falei pra você e ela falou do dinheiro. Só que é mais que isso. Sabe por quê? No final da história, sempre é os nossos filhos”. (diarista, 35 anos, preta, moradora do Jardim São Bento, possui ensino fundamental incompleto)

Se a passagem do papel do indivíduo para a importância da família nas elaborações dessas trabalhadoras e trabalhadores se dá sem tensões, o mesmo não pode ser dito sobre as suas percepções quanto às formas tradicionais de ação e organização coletiva. Contudo, longe de uma rejeição absoluta que resultaria do individualismo meritocrático, o que encontramos é uma noção ambígua, na qual as trabalhadoras e trabalhadores indicam que coletivos para defender seus interesses são desejáveis, mas, ato contínuo, apresentam um forte ceticismo quanto à efetividade dessas iniciativas. A ambiguidade entre o reconhecimento da necessidade de melhoria das condições de trabalho e a avaliação de que coletivos não funcionam marca a discussão em diversos grupos.

“Esse espaço de sindicalismo, pessoal que defende a profissão e tal... eles mais morrem, recebem muito benefício pra defender, aí não defende, não tem campanha de nada.” (entregador por aplicativos, 38 anos, pardo, morador do Jardim Educandário, sem religião, possui ensino médio incompleto)

“Quando vocês falam em questão de coletivo, o pessoal já lembra o quê? Sindicato. Isso não vira. Agora como vocês falaram, a gente já tem o nosso coletivo na rua, a gente tem os nossos grupos de WhatsApp, a gente tem as nossas redes sociais, a gente já tem o nosso coletivo. O que a gente precisa é de um canal, entendeu? Onde a gente consiga falar diretamente com o aplicativo...” (entregador por aplicativos, 36 anos, branco, morador do Jardim Eliza Maria, messiânico, possui ensino superior completo)

“É interessante o que ele falou de ter um coletivo, por quê? Você consegue dar a voz a mais pessoas, porque se não tiver um coletivo é impossível você ter uma opinião em comum com, tem quantos motoristas hoje? É necessário, teoricamente é necessário ter uma voz, ter um, sei lá, um sindicato, alguma coisa, é legal. Só que a prática a gente sabe que não vai funcionar, mas

é necessário". (motorista por aplicativos, 37 anos, pardo, morador de Veleiros, evangélico, possui ensino superior incompleto)

Nesse tema, dois recortes aparecem como determinantes de posições discrepantes: por um lado, a rejeição por parte dos motoristas de aplicativo, especialmente entre os homens, que dirigem muitas as críticas às formas tradicionais de organização, incluindo sindicatos.

Quando você fala de sindicato, pelo que eu entendo, o nome sindicato nunca foi bem-visto pela sociedade. Posso estar errado porque assim, o que eles representam pela empresa? A gente ouviu várias histórias sobre vários sindicatos. Eu vi em uma reportagem que que o Brasil é um dos países que mais tem sindicato defendendo alguma causa(...). Isso é um movimento que você tem muito recurso e, na realidade o retorno para o trabalhador, que nós precisamos, não chega necessariamente. Então a gente precisa entender". (motorista por aplicativos, 38 anos, branco, morador do Parque Fongaro, evangélico, possui ensino médio completo)

"Infelizmente quando você lida com o ser humano, aí é a pior merda que tem. Molhou a mão do sindicato, o sindicato vai lá... os metrô não tava pra fazer greve essa semana? É. Molharam a mão dos garotos, os caras falaram: 'você vão lá trabalhar'. (ambulante, 35 anos, branco, morador de Tatuapé, sem religião, possui ensino médio completo)

"Se criarem alguma coisa para o motorista vai ser outra forma de alguém ganhar dinheiro em cima dos motoristas". (motorista por aplicativos, 48 anos, branco, morador da Freguesia do Ó, católico, possui ensino superior completo)

Dentre os trabalhadores do setor de transportes mediado por aplicativo, apenas um participante defendeu o sindicato como forma de luta coletiva.

"O aplicativo, assim, a gente não tem uma

comunicação com eles hoje. Nenhuma, praticamente, nem às vezes um suporte que você precisa para poder fazer a entrega que você não tem. Então, você precisa, a gente precisa designar realmente alguém que esteja em comunicação com eles pra poder levar a nossa voz até eles também, porque se não houver uma comunicação não tem como". (entregador por aplicativos, 38 anos, preto, morador do Jardim Amália, católico, possui ensino superior incompleto)

Por outro lado, entre as trabalhadoras mulheres, mesmo que por vezes surjam manifestações de desconfiança, a ideia de formação de sindicatos ou outras formas de coletivo para defender interesses da categoria é encarada com simpatia e, em certos casos, até com entusiasmo.

[Moderador: Se formasse um sindicato da categoria?] Seria genial! (designer de sobancelhas, 39 anos, preta, moradora do Parque Cocaia, católica, possui ensino médio completo)

"Porque há muitos anos atrás empregada doméstica, elas não tinham direito nenhum. Lutaram, lutaram, lutaram e hoje em dia elas tem (...). Antes não, era quase um serviço escravo, né? Foi tudo regulamentado". (doceira, 27 anos, branco, moradora do Jardim Virgínia Bianca, católica, possui ensino superior completo)

"Eu acho que a ideia do sindicato pra regulamentar todas essas questões que foram levantadas acho que seria bem interessante, né? Nunca pensei nessa ideia extremamente importante e relevante... e acho que dá até pra gente começar a levantar essa bandeira também, né?" (doceira, 36 anos, preta, moradora do Jardim Santa Bárbara, católica, possui ensino superior completo)

"_ Meio difícil esse negócio do governo de ajudar a gente. Queria ter uma associação que vai ficar na frente, né? _tem auxílio pra caminhoneiro, pra taxista! E diarista não vai ter por quê?"

[todas falam juntas]

_ porque a profissão e desvalorizada!

_ A gente precisa organizar e abrir um sindicato [risos]" (diaristas falam junto, de forma indistinguível)

No mesmo sentido, foi predominante entre os entrevistados o reconhecimento de direito a protestos. Quando perguntados sobre a possibilidade de participar de algum, a maior parte dos trabalhadores expressou simpatia pela ideia, apresentando, contudo, certas ressalvas em relação a modalidades de manifestações por direitos. Os participantes dos grupos focais que declararam que participariam de protestos, sublinharam que o fariam desde que as manifestações fossem "pacíficas", "sem atrapalhar os trabalhadores".

"Eu concordo se for pacífico. Sem quebrar pau, sem quebrar nada. Sem vandalismo. Vai chegar aí na frente daqui desse escritório e quebrar a mesa... não pode quebrar". (ambulante, 26 anos, pardo, morador da Vila Nova, sem religião, possui ensino fundamental incompleto)

"Seria mais vantagem a pessoa ir direto onde ela tem que cobrar. Que nem eu vejo muito lá no centro, já vi aconteceu, os caras colocam barraca e fica lá dois, três dias até ser feito. Eu já vi várias vezes as pessoas põem a barraca lá e fica dias. Aí alguém resolve o problema deles eles pega a barraca e vai embora então eles não estão atrapalhando ninguém". (salgadeira, 36 anos, branca, moradora de Pirituba, evangélica, possui ensino superior completo)

"A gente vê protesto como algo de tacar fogo, brigar, causar transtorno... queima pneu, causa transtorno, acaba parando o trânsito". (manicure, 31 anos, parda, moradora da Vila Prudente, evangélica, possui ensino médio completo)

Uma vez mais, são os motoristas por aplicativos os mais enfáticos ao falar da dificuldade de reunir a categoria em torno de uma pauta comum. Eles também questionam a capacidade

que têm os protestos de promover melhorias nas condições de trabalho havendo, inclusive, quem associe paralisações passadas com a piora delas.

"Protesto, greve, paralisação do meu ponto de vista não resolve, né? Eu vou dar um exemplo aqui, ele começou lá em dois mil e doze. Vamos supor que a corrida era dez reais naquela época. Aí a Uber baixou pra sete. Pra mim, não precisava de um protesto pra ela voltar para os dez. Era só não rodar... sem baderna, sem fechar a rua. Não rodar e pronto. Não precisa chamar ninguém de casa. Aí vai de cada um. Mas é igual ele falou, todo mundo tem suas conta (...). Ninguém vai se sacrificar por isso". (motorista por aplicativos, 47 anos, preto, morador do Jardim da Conquista, espírita, possui ensino médio completo)

"Essa manifestação, eu vou falar pra você: ô manifestaçãozinha ruim de ser feita. Qual a ideia de você parar um dia e não trabalhar um dia? Os caras vão dar risada, eles são ricos, no outro dia tudo do mesmo jeito, tá do mesmo jeito". (motorista por aplicativos, 40 anos, pardo, morador do Jardim São Francisco, sem religião, possui ensino superior completo)

"Depois da greve dos aplicativos ficou pior". (motorista por aplicativos, 37 anos, branco, morador de São Mateus, sem religião, possui ensino médio completo)

"Apesar de que toda vez que tem [paralisação], eu sinto que depois piora. O valor dinâmico não aparece". (motorista por aplicativos, 31 anos, pardo, morador de Itaquera, sem religião, possui ensino médio completo)

A defesa da legitimidade dos protestos vem acompanhada, na fala de diversos entrevistados, do receio das consequências de estar em uma manifestação.

"Você vai numa paralisação, você corre o risco de tomar multa. Porque ao mesmo

tempo que a polícia vai apoiar pelo artigo quinto da Constituição, é a mesma que oprime. Tipo, vai ter tem uns motoca ali que tá ali pra defender a causa. Tem outros que tá ali só pra dar grau, pra estourar a moda. Tem outros que estão ali pra meter rixa.” (entregador por aplicativos, 38 anos, pardo, morador do Jardim Educandário, sem religião, possui ensino médio incompleto)

No caso particular das mães, observa-se um medo associado à possibilidade de que seus filhos sejam deixados desassistidos.

“[Eu não participaria de protestos] por medo de brigar... porque eu tenho meus filhos...”. (doceira, 32 anos, parda, moradora do Sacomã, católica, possui ensino superior completo)

“Não tiro o direito, mas eu tenho medo, sabe? O ser humano hoje em dia não respeita mais ninguém... dependendo tacam bomba mesmo... o gás, sabe? E então é por medo, não que seja errado. Adoraria participar, mas eu não vou porque eu tenho medo, prezo pela minha saúde, tenho filhos pra criar também”. (diarista, 26 anos, parda, moradora do Jardim Trembé, católica, possui ensino médio completo)

“Eu acho que a gente se sente muito vulnerável... Eu sou mulher, eu sou mãe, eu penso muito nos meus filhos e se acontecer alguma coisa comigo lá? Vai ter um doido atirando? (...) . Eu mesma vivi várias situações lá no metrô [onde trabalho]. Os seguranças vêm me diminuir por eu ser

mulher e não fala nada pros meninos. Então, por eu ser mulher, eu já usei por várias situações assim. Então eu jamais iria com esse medo, sabe? Sei lá, de um policial vir e me prender...” (doceira, 27 anos, branco, moradora do Jardim Virgínia Bianca, católica, possui ensino superior completo)

Ainda assim, chamam atenção os relatos valorizando esse tipo de ação e também a importância da organização coletiva:

“Se tem um sindicato pra defender o direito de quem vai fazer o processo vai ser uma coisa organizada, vai ser avisada. Então a polícia não vai chegar lá batendo todo mundo oprimindo todo mundo. Agora se não tem ninguém pra defender os ambulante vai fazer um protesto vai chegar. A polícia ela vai ouvir isso.” (ambulante, 33 anos, preto, morador do Jardim Nordeste, católico, possui ensino médio completo)

As falas das trabalhadoras e trabalhadores por conta própria que selecionamos nesta seção compõem o quadro marcado por ambiguidade associado às formas de organização coletiva. Se é verdade que esse segmento está fortemente vinculado a uma cultura meritocrática, é também correto afirmar que, para a maioria, seus valores e concepções não negam a necessidade e a importância da organização coletiva, embora vejam esses processos com ceticismo e medo.

Na próxima seção vamos analisar como essas reflexões se relacionam com os políticos, o governo e as instituições.

Síntese

Investigar como segmentos da classe trabalhadora que organizam sua vida a partir do trabalho informal e por conta própria elaboram sobre: Imaginário político, papel do governo e expectativas; relação com o sistema político; política e informação; Posicionamento político; Polarização Lula x Bolsonaro; Avaliação do governo federal e da conjuntura econômica.

Capítulo 3

POLÍTICA E INSTITUIÇÕES

Investigar como segmentos da classe trabalhadora que organizam sua vida a partir do trabalho informal e por conta própria elaboram sobre: Imaginário político, papel do governo e expectativas; relação com o sistema político; política e informação; Posicionamento político; Polarização Lula x Bolsonaro; Avaliação do governo federal e da conjuntura econômica.

Política e instituições

Há uma hegemonia evidente de um sentimento antipolítica e antissistema entre os trabalhadores e as trabalhadoras por conta própria. O modo como esse sentimento se expressa segue um roteiro que é, primeiro, o da valorização do papel dos governos como promotores de direitos, seguido de uma revolta pela não efetivação desses direitos e consequente culpabilização dos políticos. E, atravessando todo esse percurso, há uma disposição de engajamento no debate político por parte dos entrevistados que demonstra o quanto o tema está presente em seus cotidianos, mesmo que, ao mesmo tempo, os participantes dos grupos focais tratem com frequência sobre o receio de desencadear conflitos ligados a posições políticas opostas. Para demonstrar isso, nesta seção vamos trabalhar os seguintes tópicos: Imaginário político, papel do governo e expectativas; relação com o sistema político; política e informação; Posicionamento político; Polarização Lula x Bolsonaro; Avaliação do governo federal e da conjuntura econômica.

É unânime entre os trabalhadores dos diferentes segmentos de atuação a ideia de que cabe ao poder público garantir saúde, educação e segurança para toda a população. O tema das desigualdades emerge com uma linguagem de cuidado: neste sentido, trabalhadoras e trabalhadores esperam que governantes “cuidem de que precisa” e garantam condições de vida básicas, em especial às populações mais pobres.

“O papel do governo deveria ser cuidar da população, né? Garantir pelo menos direitos básicos da população, que seria educação, saúde e segurança”. (ambulante, 33 anos, preto, morador do Jardim Nordeste, católico, possui ensino médio completo)

“[O papel do governo é] atender as necessidades, as demandas da sociedade, né?”. (entregador por aplicativos, 38 anos, preto, mo-

rador do Jardim Amália, católico, possui ensino superior incompleto)

“Esperamos que devolva o que nós pagamos de imposto, é saúde, educação, segurança, tudo isso nós esperamos porém não temos, né?” (manicure, 37 anos, parda, moradora da Barra Funda, católica, possui ensino médio completo)

“O Brasil é um dos países mais ricos e a pobreza é extrema (...). O governo tinha que estar olhando para essas pessoas, melhorando a situação. Não é pegar e dar seiscentos reais por mês pra pessoa sobreviver. Não. É dar educação, porque na educação ela vai conseguir um emprego bom, ela vai trabalhar, ela vai ter condições de criar a família dela, de ter uma moradia”. (manicure, 39 anos, parda, moradora da Freguesia do Ó, evangélica, possui ensino médio completo)

Também há grande convergência entre os trabalhadoras e trabalhadores sobre as características dos bons políticos. “Honestidade”, “transparência” e “humanidade” são atributos citados com recorrência.

“O bom político, ele tem que cuidar da população, ser honesto, né? Não ser corrupto, que tá difícil encontrar, né? É a honestidade”. (ambulante, 41 anos, branco, morador de Pirituba, sem religião, possui ensino médio completo)

“Garantir os direitos, né? Fazer proposta do Estado, verificar situações, melhorar a implantação de leis pro estado, mas não é o que acontece. Muitas vezes a gente nem sabe o que tá acontecendo, às vezes quando vai ver, já decidiu na câmara lá entre eles, né?” (motorista por aplicativos, 23 anos, pardo, morador da Vila Rica, evangélico, possui ensino médio completo)

“Eu acho que eles deveriam ser mais honestos, íntegros, né? (...) Pra mim eu acho que se eles fossem mais claros, colocassem em

pratos limpos o que tá acontecendo e não ficasse tentando enrolar a gente, seria muito mais fácil até o povo ajudar (...). Por exemplo, na saúde, quônto vai e passa na emergência fica quase quatro horas lá dentro pra ser atendido (...). Eu relato isso porque eu sei. Eu entrei lá no hospital Piraporinha, um dos piores hospitais, que vai ser fechado, e eu fui para a sala de emergência, UTI, né? Que salvava o pessoal lá tudo junto. A UTI do lugar é aberta. Então atrás de mim tinha um cara sendo entubado, com hemorragia interna, uma menina do meu lado que tomou a mordida do pitbull sendo costurada e eu do lado deles. A condição é muito precária e eles não são honestos. Falam que estão fazendo, mas quando você vai ver não estão fazendo nada. Não tem condição. Se fossem mais honestos, se eles fossem mais claros, retos e íntegros pra mim seria bem melhor". (manicure e depiladora, 41 anos, branca, moradora do Jardim Campanário, evangélica, possui ensino médio completo)

Trabalhadores e trabalhadoras por conta própria sinalizam também que desejam que políticos tenham maior proximidade com a população, seja prestando contas pela internet ou seja frequentando as regiões periféricas no cotidiano em lugar de fazê-lo apenas durante períodos eleitorais

"[o bom político precisa] estar sempre prestando serviço na internet, mostrando que tá fazendo". (ambulante, 41 anos, branco, morador do Jardim Casa Grande, católico, possui ensino médio completo)

"Estar presente vendo a necessidade do povo, né? Porque tem que ter um seguimento, o cara tem que tá lá pra ver o que tá acontecendo. É a vivência, né? Lá onde eu moro também tem uma invasão e essa invasão, assim, um fica jogando pro outro, sabe? Então o povo que tá ali, daqui a pouco chega o dono e fala, 'não, vai ter que tirar tudo isso daí e não sei o quê', mas essa parada já tem vinte anos que já tão

reivindicando aquele local (...). Enquanto não tiver um deputado, tipo uma pessoa que seja séria, ter seriedade, não vai ter seguimento nenhum, né? Eu não acredito em nenhum cara". (entregador por aplicativos, 38 anos, pardo, morador do Jardim Educandário, sem religião, possui ensino médio incompleto)

"Sabe o que seria bem interessante? Eles terem contato direto com o povo, contato real, a gente não vê um candidato... só em época de eleição, né? [Eles deveriam] estar nos bairros e com uma frequência... uma vez ao mês que seja". (doceira, 36 anos, preta, moradora do Jardim Santa Bárbara, católica, possui ensino superior completo)

Educação e segurança pública são as demandas gerais que mais apareceram nos grupos focais. Com relação à primeira, o acesso ao ensino de qualidade é percebido como elemento fundamental para redução de desigualdades. Mulheres e homens apresentam demandas por educação financeira e por ensino sobre política nas escolas. Também é apontada a urgência de se corrigir distorções e desigualdades no sistema educacional brasileiro.

"Eu não sei se todo mundo estudou em colégio público. Quem estuda em colégio particular tem até aula de economia. Quem estuda em colégio público não tem isso. As pessoas que estudam em colégio particular, já começam a se organizar desde pequena já (...) Você que é pobre, você vai estudar num colégio público, você não tem educação financeira. A professora de matemática não é uma das melhores, ela não tem paciência pra ensinar. Então, você já cresce ali, ó, aprendendo o que dá pra aprender". (designer de sobancelhas, 39 anos, preta, moradora do Parque Cocaia, católica, possui ensino médio completo)

"Eu acredito que a política já deveria ser implantada desde a escola pra instruir as crianças a saber a conversar sobre política. Qual que é o papel do vereador, qual que é

o papel do senador... Chega a hora da votação, a pessoa vai votar no papel que ela pegou lá na porta da escola porque ela não sabe nem, por exemplo, os nossos direitos de ambulante. A gente deveria estar cobrando o deputado, o senador, o vereador que foi lá no na minha rua lá pedir voto (...). E eu acho que a maioria dos brasileiros não sabe, a gente entende um pouco de política na raça, pelo que escuta, porque a gente não tem orientação do estado pra informar qual que é os nossos direitos pra gente poder recorrer". (ambulante, 33 anos, preto, morador do Jardim Nordeste, católico, possui ensino médio completo)

"Era o ideal esse ensino dentro da escola porque ninguém sabe o que um deputado faz, o que o Governador faz, o que o Prefeito faz, um deputado estadual, um senador... aí você vai lá no que você escuta da internet, não sabe se é fake news ou não. É o que você está aprendendo porque dentro da escola que era pra ter e você não tem". (ambulante, 35 anos, branco, morador de Tatuapé, sem religião, possui ensino médio completo)

"Ó, eu moro do lado da USP, né? Da faculdade de São Paulo e ali é uma desigualdade, assim, tremenda. A maioria ... oitenta por cento dos alunos da USP são pessoas que classe média altíssima. Na Poli ali que é de engenharia é só com Mercedes. Todos eles têm de escola particular. Eu moro do lado, então é uma coisa que eu vejo". (boleira, 35 anos, branca, moradora do Butantã, católica, possui ensino superior incompleto)

Quanto ao tema da segurança pública, identificamos nuances entre os segmentos pesquisados. Para os ambulantes e para os entregadores de aplicativo, a violência praticada pela polícia e pela guarda municipal é de grande importância.

"[Podiam] parar de apreender moto e começar a prender ladrão, né? Ultimamente eles estão roubando muita moto...". (entregador

por aplicativos, 20 anos, preto, morador de Itaquera, evangélico, possui ensino médio completo)

"Eu acredito que a nossa polícia hoje mesmo é totalmente despreparada. Não tem uma abordagem correta, não sabe parar você é tem muita discriminação por cor de pele, por gênero, por tudo hoje em dia (...). A segurança hoje a gente não tem. Se você for ver é hoje em dia se tem um uma coisa que os caras deixa bem claro é que, em comunidade, pode gastar bala à vontade. É tanto que você vê nas favelas do Rio de Janeiro tanta gente que morre inocente". (ambulante, 26 anos, pardo, morador da Vila Nova, sem religião, possui ensino fundamental incompleto)

Para as mulheres, a iluminação das ruas, bem como as condições do transporte público, estão diretamente ligadas a suas experiências como vítimas de assaltos, mas também de assédio sexual.

"[Falta] mais segurança para mulher, a gente tem medo de pegar um ônibus. A gente não fala em segurança da polícia, porque polícia ou não, pra mulher... até porque as polícias também são safadas. Mexe com a gente. Então eu falo insegurança do quê? Ter mais iluminação na rua que tem muita luz escura. (...)

Hoje em dia eu não tenho medo só do bandido, eu tenho medo da polícia também. Eu tenho mais medo da polícia do que do bandido que mora na periferia, sabe? Eu moro numa rua atrás da periferia, mas a minha mãe mora na periferia, eu nasci lá. A polícia é falta de respeito... qualquer um que eles vê, xinga e bate". (diarista, 40 anos, parda, moradora da Chácara Santa Maria, evangélica, possui ensino médio completo)

Desse conjunto de elaborações sobre o que o governo deveria garantir e qual seria o político ideal emerge a revolta contra o sistema político e os políticos realmente existentes.

“[Vocês acham que o governo deveria garantir direitos, algum tipo de direito trabalhista?

_ Vixe!

_ Esquece governo.

_ Roubam todo mundo, velho. Imagina a grana na mão desses caras”. (motoristas por aplicativo falam junto, de forma indistinguível)

A suspeição direcionada aos atores e instituições políticas atravessa todos os grupos focais, sendo manifestada por participantes de ideologias políticas diversas. A ideia de que o sistema político é restrito a pequenos grupos de indivíduos interessados em benefícios particulares é comum, assim como a ideia de que o aparelho institucional está dominado por elites políticas desconectadas das necessidades da população.

“O político, ele é um ser humano, tudo bem. Só que ele não sente o que você sente. Ele não abre o seu armário e vê que tá faltando alguma coisa. Ele não olha uma conta de 250 e fica louca, doida pra fazer uma faxina porque precisa pagar essa conta”. (diarista, 35 anos, preta, moradora do Jardim São Bento, evangélica, possui ensino fundamental incompleto)

“Só tem safado lá dentro. Corruptos, né? Eles ganham pra fazer o certo, só faz o errado. Cadê o dinheiro que era pra eles estar investindo na saúde que não tem? Só o que passa na televisão ali a gente sofrendo dentro do hospital... é triste, né?”. (entregador por aplicativos, 26 anos, pardo, morador do Jardim D’Ávila, evangélico, possui ensino médio incompleto)

É onipresente entre os trabalhadores a ideia de que o sistema político é inerente e irreversivelmente corrupto, tendo o poder de contaminar ou expelir aqueles que ingressam na política.

“Eu acredito que o governo é um é um grande sistema, ou você entra no sistema que você tá fora dele. Então, é isso mesmo. Ou

você anda junto ou você está fora dele”. (diarista, 29 anos, parda, moradora do Jardim Fontalis, católica, possui ensino médio completo)

“Pega o Brasil e devolve para os índios e vamos embora, gente. Porque é de lá de trás. Não adianta eu falar [que] foi desse último governo, isso daí vem desde que começou (...) alguns entram para tentar até fazer alguma coisa, mas lá dentro são corrompidos”.(manicure, 39 anos, parda, moradora da Freguesia do Ó, evangélica, possui ensino médio completo)

“Eu acredito que essa máquina já tá tão armada que qualquer um que entrar lá vai ter que pôr a mão”. (salgadeira, 36 anos, branca, moradora de Pirituba, evangélica, possui ensino superior completo)

A ideia de que o sistema político brasileiro reflete a sociedade brasileira – que teria pouco senso de coletividade – é também comum.

“O Brasil tem tudo pra ser um país de primeiro mundo igual os grandes da Europa. A cultura do brasileiro não vai deixar chegar lá tão cedo tão cedo porque é um sempre que é um querendo ganhar mais que o outro”. (ambulante, 33 anos, preto, morador do Jardim Nordeste, católico, possui ensino médio completo)

“O povo aqui meu não consegue fazer nada (...). A gente fica só reclamando e falando, ‘pô, eu não gosto de política’, ‘pô, não acompanho’. É isso que eles querem. Você tem que ser antenado, você tem que se informar”.(entregador por aplicativos, 36 anos, branco, morador do Jardim Eliza Maria, messiânico, possui ensino superior completo)

“É o brasileiro, por isso que eu digo. O pior do brasileiro é ele mesmo”. (manicure, 31 anos, parda, moradora da Vila Prudente, evangélica, possui ensino médio completo)

Diversos trabalhadores classificam os políticos como manipuladores da população. Segun-

do esta visão, privar o povo de acesso a educação e de melhores condições de vida ajudaria a manter atores políticos em posições de poder.

“Se tiver mais pessoas estudadas e ciente de quem estão votando, a ciência é outra, né? Então, acho que você acaba colocando uma viseira nas pessoas. E todo mundo vira marionete, né?”. (designer de sobrance-lhas, 45 anos, branca, moradora do Jardim Ta-boão, católica, possui ensino superior completo)

“Ela usa nós como marionete. Na verdade, eles são manipulador. [Eles quem?] Aqueles que tão as os três poderes, né? Que é o Le-gislativo, Executivo. Judiciário. Então, eles usam a gente contra a gente mesmo”. (am-bulante, 33 anos, pardo, morador do Jardim San-ta Adélia, católico, possui ensino médio completo)

“Porque eles não querem que o pobre ganhe mais dinheiro, porque o pobre vai começar a investir fora do país. E é isso que eles não querem, só querem taxar, taxar, taxar. Pra ninguém conseguir fazer nada pra fora do país. Eles querem meio que escravo”. (entregador por aplicativos, 20 anos, pardo, morador de Itaquera, evangélico, possui ensino médio completo)

“Se você investir na educação, você vai criar pessoas críticas, né? Então se você não in-vestir na educação, a pessoa nunca vai ser crítica porque ele não sabe nem o que vai falar (...). O pessoal cada vez incentiva você saber menos. Falar de política. A pessoa vai falar o quê? Aí você começa a pôr na mídia futebol, (...) mas nenhum político fala em in-vestir em educação, por que será? (motorista por aplicativos, 23 anos, pardo, morador da Vila Rica, evangélico, possui ensino médio completo)

Alguns entrevistados ponderam que os recursos empregados na manutenção de cargos (salários de políticos e assessores, por exemplo) são excessivos e deveriam ser direcionados a investimentos mais diretamente ligados ao atendimento da população.

“Eu vejo também muitos políticos tendo muitas regalias, tipo tem um salário de trinta mil, tem mais auxílio moradia e mais um carro pelo governo bancário. Então, eu acho que poderia ser mais uti-lizado esse valor do auxílio moradia pra um governo ou um governador, um polí-tico”. (ambulante, 26 anos, pardo, morador da Vila Nova, sem religião, possui ensino funda-mental incompleto)

“Tipo é muita coisa né? Pra deputado, ve-reador, deputado estadual... muito dinheiro que precisa pra pagar muita gente e pouca coisa sendo feita. Então, assim, deputado fe-deral, deputado estadual... você não conse-gue distinguir o que cada um tem que fazer. Teria que cortar, sabe? O presidente, uma equipe: funcionaria. A gente só se vê falar em presidente e no governador...”. (manicu-re, 31 anos, parda, moradora da Vila Prudente, evangélica, possui ensino médio completo)

A percepção de que os atores políticos são desonestos e ludibriam os eleitores é quase unânime entre os trabalhadores ouvidos. Além disso, foi registrado certo incômodo com a permanência dos mesmos indivíduos na cena política ao longo dos anos.

“O político ele sempre vende o peixe antes de pescar. Então ele vai lá, enche os seus olhos com as propagandas eleitorais, mas na hora que chega e assume o poder ele não cumpre nem com a metade”. (ambulante, 35 anos, branco, morador de Tatuapé, sem religião, possui ensino médio completo)

“Continua com as mesmas caras. Onde rouba dinheiro, continuam as mesmas caras. Os ministros do Lula foram os mesmos da Dilma, o da Dilma foi o mesmo do Temer e o do Temer foi o mesmo do Bolsonaro e continua o centrão dominando onde rouba um dinheiro” (motorista por aplicativos, 33 anos, branco, morador do Cangaíba, católico, possui ensino médio completo)

Em meio a tanta revolta contra o sistema e contra os políticos, é possível extrair dimensões que podem ser trabalhadas positivamente pelas esquerdas no sentido de revalorizar a democracia e a política junto às trabalhadoras e trabalhadores por conta própria. Se é verdade que não encontramos a ambiguidade vista na relação deste segmento com as organizações coletivas – por exemplo, nenhum dos participantes dos grupos focais defendeu a classe política das acusações a ela dirigidas – é também um fato que diversos trabalhadores operam uma distinção fundamental entre políticos corruptos e políticos que fazem um bom governo a despeito de possíveis desvios.

Acreditamos que, uma vez mais, trata-se de uma ponderação de natureza semelhante à da negociação entre dificuldades e benefícios que essas trabalhadoras e trabalhadores apresentam na sua relação com o trabalho. Assim como no cotidiano laboral, a experiência de classe dessas pessoas com o governo e com os políticos é, em geral, pragmática e valoriza o poder público quando há efetividade de ações e políticas.

“Todos tiram casquinha de alguma forma. Porque tão ali, tão ali dentro... tem mérito de algumas coisas e vão passar a mão sim. Agora tem a diferença de você pegar, né, tá pegando, mas está ajudando o seu povo, está fazendo alguma coisa. Ou só pegar e que se dane o povo”. (diarista, 31 anos, branca, moradora do Jardim Santa Adélia, evangélica, possui ensino médio completo)

“Eu penso assim, eu não eu não investiguei, eu não fui atrás de prova, eu só sei o que eu ouvi, né? Mas independente, (...) se roubou ou não, eu penso assim, roubando ou não eu consegui manter a minha família. Não quero saber se ele levou um real ou se levou milhões de dólares. Ele está lá pra fazer as coisas pra que eu viva, que eu tenha facilidade na minha vida”. (motorista por aplicativos, 47 anos, preto, morador do Jardim da Conquista, espírita, possui ensino médio completo)

“Olha, cara, eu não simpatizo com ninguém não, mas eu gostava muito duma frase que o maluco falava: que ele roubava, mas faz”. (manicure e depiladora, 41 anos, branca, moradora do Jardim Campanário, evangélica, possui ensino médio completo)

A princípio, o tema do debate político no cotidiano é cercado de ressalvas e a maior parte dos trabalhadores e trabalhadoras demonstram através do gestual certo desconforto quando os moderadores introduzem o assunto. A quase totalidade dos participantes dos grupos focais admite evitar falar de política em determinadas situações por receio dos conflitos que eles podem acionar. Variações da máxima de que “política e religião não se discutem” foi ouvida em todos os segmentos.

“Não gosto [de discutir política], acho que cada um segura a sua onda porque sempre dá encrenca. São opiniões diferentes, então, passou, tá tudo bem. (motorista por aplicativos, 34 anos, pardo, morador da Freguesia do Ó, sem religião, possui ensino médio completo)

Você tem que evitar, tem que ficar em cima do muro. “Verdade. Sim, sim. Exatamente”. Eles [passageiros] podem reportar qualquer coisa (...). Por exemplo, nessa época de eleição, você falava que você votava no Lula, o cara votava no Bolsonaro, se ele quisesse mandar na Uber “ó, o cara me desrespeitou e tal”, como é que você prova? Aí você recebe o bloqueio da Uber e tal. Eu pretendo ficar sempre só no muro com esse tipo de assunto, escuto e tal, fico na minha”. (motorista por aplicativos, 24 anos, branco, morador do Parque Araribá, evangélico, está cursando ensino superior)

“Nessa questão da política eu prefiro não me aconselhar. Eu prefiro analisar diante de tudo que eu já vivenciei, que os meus pais vivenciaram. Então, eu, por conta própria, faço essa análise e aí eu voto”. (doceira, 36 anos, preta, moradora do Jardim Santa Bárbara, católica, possui ensino superior completo)

Ainda assim, a maior parte dos trabalhadores afirma ter o hábito de discutir política com pessoas de sua confiança (em geral familiares ou amigos próximos). Poder ouvir, avaliar diferentes pontos de vistas para então formar as próprias opiniões é uma preocupação que emerge com frequência nos discursos das trabalhadoras e trabalhadores.

“Gosto de conversar, às vezes eu converso com a minha mãe pra ficar por dentro das coisas... mas não gosto porque cada um tem sua opinião e não dá certo. Sempre dá discussão”. (extensionista de cílios, 21 anos, branca, moradora de Americanópolis, sem religião, possui ensino médio completo)

“Eu gosto e discuto muito. Não, assim, tento, né? Com meu compadre e com a minha mãe, porque eles... a gente não vota nas mesmas pessoas, a gente tenta porque a gente gosta, a gente quer defender quem a gente acha que é um pouco melhor. Mas nem tudo a gente sabe, mas tenta discutir, tenta dizer que sabe”. (manicure e designer de sobrance-lhas, 28 anos, parda, moradora de Heliópolis, evangélica, possui ensino superior incompleto)

Além das conversas no cotidiano, há também a disposição desse segmento em se informar sobre política e a preocupação em busca a veracidade das informações. Quando questionados, a maior parte dos participantes afirma ter interesse por política e consumir informação sobre o tema cotidianamente. As fontes de consultadas variam substancialmente entre os indivíduos, mas, de modo geral, trabalhadoras e trabalhadores contam que consultam tanto mídias tradicionais (canais de TV como CNN, Rede Globo, Bandeirantes, RecordNews, Band News, Cultura; rádio Jovem Pam e Gazeta; jornal Folha de São Paulo e portais G1 e UOL são citados), quanto notícias compartilhadas nas redes sociais (em especial no Facebook e Instagram) e canais de streaming (o YouTube, notadamente), além do agregador “Google notícias” pré-instalados em alguns aparelhos celulares,

segundo eles salientam. A preocupação com a veracidade e (im)parcialidade das informações é muito presente nos discursos dos trabalhadores e trabalhadoras e eles relatam que, com frequência, consultam múltiplas fontes para formar opinião cuidadosa sobre as notícias. Os critérios para avaliar se uma notícia é falsa ou enviesadas, por outro lado, não são esclarecidos pelos participantes dos grupos focais. Embora minoritários, alguns trabalhadores sinalizam que consumir notícias prioritariamente em canais com marcado por viés ideológico.

“Eu vejo Record News, Band News, CNN, Jovem Pan, porque lá em casa meu marido assiste uns jornais, né? Ele fica ali, mas sentado no sofá e eu escuto junto. Então eu vou para os jornais mesmo. Se tenho dúvida de alguma coisa eu busco na internet. Mas geralmente o que sai na internet é mais mentira. Então eu prefiro escutar mais o jornal”. (manicure e depiladora, 41 anos, branca, moradora do Jardim Campanário, evangélica, possui ensino médio completo)

“A TV tem duas opções, a Record tá com o Bolsonaro, a Globo com o Lula. Um corta por um lado, outro corta para o outro. Se ficar indeciso, você não sabe em quem acreditar”. (motorista por aplicativos, 33 anos, branco, morador do Cangaíba, católico, possui ensino médio completo)

“Eu não repasso nenhuma notícia de WhatsApp. Eu não sei se é verdadeiro aqui e eu tenho até medo de clicar nos links porque tem muito golpe”. (doceira, 27 anos, branca, moradora do Jardim Virgínia Bianca, católica, possui ensino superior completo)

“A revista Oeste é um dos canais que eu assisto, é um canal online muito bom. No YouTube: Augusto Nunes, Ana Paula Renkel... todos eles estão nesse time aí também. Por exemplo, o professor Afonso também gosto de assistir, eu tenho diversos canais onde eu busco informação. Tá acontecendo?”

Peraí, deixa eu ver o que que aconteceu realmente. Eu não quero ver o editado que a mídia convencional mostra, eu quero ver o vídeo completo. A mídia convencional, Globo, CNN... (entregador por aplicativos, 36 anos, branco, morador do Jardim Eliza Maria, messiânico, possui ensino superior completo)

Este interesse em se informar e conversar sobre política não se reflete em uma disposição de aderir a uma posição política definida para a maioria dos entrevistados. Direita e esquerda são categorias mobilizadas com certa hesitação pelos participantes dos grupos focais, e muito deles se declaravam “de centro” aludindo a ideia de não ter posição fixa no debate, podendo votar em políticos de qualquer espectro político, desde que apresentem propostas que julgam positivas. Em direção semelhante, diversos trabalhadores operam com uma ideia de que há políticos “bons”, “com caráter”, “bem-intencionados” em oposição a políticos “desonestos”, “corruptos” e “ladrões”. Para estes, o voto é guiado, sobretudo, pela avaliação dos atores políticos individuais – e não ao campo político ao qual pertencem.

“Todo mundo fala que eu sou esquerda, mas se aparecer outro que eu concorde eu voto” (depiladora, 45 anos, preta, moradora de Moema, umbandista, possui ensino médio completo)

“Centro, se ser centro é torcer, independente de quem esteja, pra que dê certo, não é isso? Independente de quem esteja lá torço pra que dê certo”. (motorista por aplicativos, 31 anos, pardo, morador de Itaquera, sem religião, possui ensino médio completo)

“Eu votei no Lula mas eu sou centro, eu acreditei nas propostas e espero não estar queimando minha língua, né? Mas eu tô no centro agora... é aquilo, vou ver as propostas e aquilo, vai ganhando ponto... não tá do meu agrado, então fala assim olha, então da próxima vez eu vou dar oportunidade pro outro”. (motorista por aplicativos, 31

anos, pardo, morador da Vila Prudente, católico, possui ensino superior completo)

“Tem direita, tem esquerda e tem o centro. Eu acho que a maioria de nós aqui é centro. O centro é aquele que nem ele tá falando, é imparcial. Tanto para o rico como para o pobre”. (motorista por aplicativos, 44 anos, pardo, morador de Ponte Rosa, sem religião, possui ensino médio completo)

“A partir do momento que a pessoa tem caráter e tem princípios, ela vai lutar pelo que é certo, por melhorias (...). Então eu procuro sempre pensar por esse lado. Eu gosto de analisar a história da pessoa, buscar lá no fundo, saber o que fez, o que não fez, o que é verdade, o que não é...”. (manicure, 39 anos, parda, moradora da Freguesia do Ó, evangélica, possui ensino médio completo)

No mesmo sentido vem a relação com partidos políticos. Os participantes dos grupos focais demonstram certa apatia diante do tema dos partidos políticos, a não ser quando os associam a suas figuras de destaque. Com exceção do PT e, em menor grau, do PSOL, PSDB e PL, os trabalhadores não associam organizações partidárias a ideologias, projetos ou figuras políticas específicas. Aqueles trabalhadores e trabalhadoras, minoritários nos grupos focais, que se rotulam de forma mais assertiva dentro do espectro político, recorrentemente o fazem tomando como referência lideranças e partidos políticos.

“eu sou PT mesmo desde pequeno, eu voto no PT até morrer, não tô nem aí. Por quê? Na época do do Lula eu trabalhava, eu tinha dois carros, os bancos me ligavam, eu nem tinha conta no banco, o banco me ligava para me oferecer crédito, me oferecia cartão de crédito e eu pegava mesmo, né?”. (motorista por aplicativos, 47 anos, preto, morador do Jardim da Conquista, espírita, possui ensino médio completo)

“Eu me considero que eu sou esquerda ao mesmo tempo que eu tô no meio, né? Por-

que assim, eu gosto muito do PT mas espero que quem entre e faça o melhor pra gente”.

(manicure e designer de sobrancelhas, 28 anos, parda, moradora de Heliópolis, evangélica, possui ensino superior incompleto)

Dentre os diversos nomes de políticos mencionados durante os grupos focais, podem ser destacados os de Paulo Maluf, recorrentemente associado à figura de um político que “rouba, mas faz”; Marta Suplicy, frequentemente lembrada pelos programas sociais que marcaram sua gestão em São Paulo; Enéas Carneiro, tido por alguns participantes como político particularmente inteligente; Simone Tebet, vista como mulher competente e promessa política; João Dória, lembrado por sua proposta de distribuição da “farinata”; e Marielle Franco, nome que veio a tona quando as diaristas tratavam da dificuldade de romper com a desigualdade social no Brasil. Fernando Haddad foi muitas vezes citado, mas dividindo opiniões. Enquanto a maioria dos participantes dos grupos focais que fizeram menção ao ex-prefeito o tenham classificado como “inteligente”, “estudado. Mas também aparecem associações negativas a seu respeito ligadas ao fato de “ser petista” e aos projetos de ciclovia na cidade.

“Mulher, homossexual, a Marielle Franco, e preta. Então já começou ali. Uma mulher preta? Empoderada? Tomando conta? Não ia deixar. O nosso país não vai deixar.

Nunca! Então, é Brasil, gente. É Brasil e vai ser sempre assim”. (diarista, 29 anos, parda, moradora do Jardim Fontalis, católica, possui ensino médio completo)

“Teve governo até que defendeu farinata pra crianças que estão em fase de crescimento, sabe? (...) Foi do Doria... Como que criança em fase de crescimento precisa comer, vai comer restos de produtos vencidos próximos ao vencimento. (...) Tipo, não é possível que uma pessoa que tenha esse pensamento de dar um tipo de alimento desse pra criança pense em todos”. (doceira,

32 anos, parda, moradora do Sacomã, católica, possui ensino superior completo)

“Eu era uma criança e eu sei dizer que, na minha época de escola, era o governo dela [Marta Suplicy]. E foi quando a gente voltou a ter vai e volta, voltou ao uniforme, material, perua escolar gratuita, bilhete único... então, assim, eu peguei toda essa parte ela tava lá no comando”. (manicure, 29 anos, parda, moradora de Jardim Alfredo, sem religião, possui ensino médio completo)

“O Doutor Enéas que, se for ver as ideias dele lá no passado, era um bom político”. (motorista por aplicativos, 33 anos, branco, morador do Cangaíba, católico, possui ensino médio completo)

Em geral, as noções abstratas sobre esquerda e direita são difusas e, em certos casos, aciona valores como direitos humanos, família e sexualidade. Apenas pontualmente elas apresentam ideias mais abstratas sobre os distintos posicionamentos políticos.

“Eu acho que a esquerda é muito ser humano e acho que a direita é pobre e rico. Eu, como de esquerda, acredito que a gente não descobriu nada, isso daqui já foi invadido, já tinha gente aqui. Então assim, (...) a esquerda ela é muito como eu, muito coração. Eu acho que eles pensam muito assim. E a direita não, a direita é militar. Eu acho que eles impõem como se fosse uma ditadura, eu não gosto disso. (diarista, 29 anos, parda, moradora do Jardim Fontalis, católica, possui ensino médio completo)

“Eu penso assim que eh ser de esquerda você é uma pessoa mais assim da nossa classe uma pessoa que que defende as pessoas mais humilde pelo menos a política defende mais os humilde e a outra a outra outro partido eu acho que é mais pros ricos”. (diarista, 37 anos, branca, moradora do Rio Pequeno, sem religião, possui ensino médio completo)

“Até do fato de ser esquerdista pode ser, tem mais compaixão com o próximo, tá ligado? (...) o pessoal tem que ter mais amor ao próximo, cara, tem que ter mais respeito, educação pelo outro, sabe? Eu acho que isso aí é o ideal (...). Acho que eu sou esquerda mesmo”. (entregador por aplicativos, 38 anos, pardo, morador do Jardim Educandário, sem religião, possui ensino médio incompleto)

“Eu particularmente não gosto de políticos que tentam desmoralizar o que eu aprendi lá atrás, um exemplo, família, né? O que se trata de família, lógico, hoje está muito mais genérico, né? As pessoas pregam algo que eu vejo que tende a retardar a evolução do ser humano, eu penso dessa forma (...). Eu não gosto da esquerda devido a sua associação ao comunismo, a história da esquerda”. (motorista por aplicativos, 38 anos, branco, morador do Parque Fongaro, evangélico, possui ensino médio completo)

Eu acho que não respeita os direitos humanos. Eu acho que é isso que a direita ela é muito complicada. (diarista, 40 anos, parda, moradora da Chácara Santa Maria, evangélica, possui ensino médio completo)

Sobre os assuntos que atravessam a atual conjuntura política, os temas da democracia e a confiabilidade no sistema eleitoral não aparecem, tampouco despertam discussões nos grupos focais. Nenhum trabalhador ou trabalhadora fez menção aos atos de 8 de janeiro, ou a vieses autoritários ou democráticos de atores ou grupos políticos. Em nenhum dos grupos houve alguém que defendesse o armamento da população como solução para o problema da segurança e a violência policial foi criticada. O tema dos direitos humanos, por outro lado, suscita reações conflitantes e, em certos casos, ambíguas.

“Bolsonaro ficava falando as asneira dele lá que bandido bom, bandido morto, não sei o que... Só que a polícia, ela não vai

não vai matar só bandido, ela mata inocente também”. (ambulante, 33 anos, pardo, morador do Jardim Santa Adélia, católico, possui ensino médio completo)

“São os direitos humanos... tem auxílio reclusão... Você está assaltando. Você é policial, dependendo da situação ali da voz de prisão pra ele. Aí ele corre, o policial atira, o policial é preso. Então quer dizer, os direitos humanos funcionaram pra ele, mesmo ele estando roubando outra pessoa. [Direitos humanos] é querer proteger quem não é pra proteger. Garantir os direitos da matar, que na verdade hoje está uma troca de valores”. (ambulante, 33 anos, pardo, morador do Jardim Santa Adélia, católico, possui ensino médio completo)

Durante os grupos focais, fosse de forma espontânea ou em resposta ao estímulo dos moderadores, os nomes de alguns atores políticos se sobressaíram nas discussões sobre política. Os mais mencionados espontaneamente foram os do atual presidente, Lula, e do ex-presidente, Bolsonaro. Embora o tom dos comentários a respeito das respectivas gestões dos políticos tenha variado significativamente nos diferentes grupos focais, de modo geral, as percepções dos trabalhadores sobre Lula foram mais favoráveis do que de Bolsonaro. Surgem como qualidades destacadas a preocupação de Lula com os mais pobres, os benefícios de sua gestão no Nordeste e a situação econômica durante seus governos anteriores.

“Qual governo que ajudou, contribuiu pra que eu conseguisse a minha casa, contribuiu a ter um salário justo quando eu tava na CLT? Qual foi o emprego que me ajudou a manter meus filhos em um bom bons colégios? A me alimentar de forma correta, me alimentar com o básico, comer uma carne? (...) Eu acho muito admirável o Lula, eu gosto dele. Eu acho interessante a história de vida e o que eles e o que ele fez pros meus, pra mim e pros meus”. (doceira, 36

anos, preta, moradora do Jardim Santa Bárbara, católica, possui ensino superior completo)

“O Lula, eu acho assim... um cara semianalfabeto conseguiu chegar onde chegou. Não que ele seja uma pessoa boa. Mas assim, ele foi muito esperto, muito malandro, muito alguma coisa assim pra ele chegar onde chegou”. (manicure e designer de sobrancelhas, 28 anos, parda, moradora de Heliópolis, evangélica, possui ensino superior incompleto)

“O Lula quando teve lá o poder, ele ajudou bastante. Você pode ver que tem bastante família aí que teve filhos formados, teve uma condição boa, enfim, condição boa que eu falo, é ter de comer, poder pagar dívida, alguma coisa”. (diarista, 26 anos, parda, moradora do Jardim Trembé, católica, possui ensino médio completo)

“Na minha família, por a gente ser do Nordeste (...), cara, ele ajudou demais. Minha avó não tinha água onde ela morava. Lá era poço, uma situação crítica demais. Ajudou a ter coisas mínimas dentro de casa”. (diarista, 31 anos, parda, moradora da Vila Prudente, evangélica, possui ensino médio completo)

“Ele [Lula] sabe fazer política, este é o [ponto] forte. O ponto fraco dele também é saber fazer política”. (diarista, 29 anos, parda, moradora do Jardim Fontalis, católica, possui ensino médio completo)

Nos grupos focais, em especial aqueles cujas participantes eram mulheres, a rejeição a Jair Bolsonaro (estendida, boa parte das vezes, também a seus familiares) apresentam força particular. As declarações do ex-presidente ao longo de seu governo, bem como o desastre econômico que marcou sua gestão são os principais fatores arrolados por seus críticos. Novamente, entender a centralidade do recorte de gênero nesse caso é decisivo para que a esquerda consiga transformar esses sentimentos em um engajamento político favorável à democracia.

“Eu não sigo o Bolsonaro, eu tenho horror à cara dele (...) Detesto o Bolsonaro e família. E agregados, né? E pode pôr a Michele junto”. (depiladora, 45 anos, preta, moradora de Moema, umbandista, possui ensino médio completo)

“Eu não gosto do Bolsonaro também. Ele fala muita merda”. (diarista, 29 anos, parda, moradora do Jardim Fontalis, católica, possui ensino médio completo)

“Eu não era petista, mas depois do Bolsonaro eu virei”. (designer de sobrancelhas, 45 anos, branca, moradora do Jardim Taboão, católica, possui ensino superior completo)

“Ele disse lá que ninguém passava fome no Brasil numa mesma semana que tinha pessoas brigando pra pegar coisa no lixo. Então, aí você vê que ele não tinha noção”. (doceira, 32 anos, parda, moradora do Sacomã, católica, possui ensino superior completo)

Os poucos trabalhadores dispostos a defender Bolsonaro o fizeram timidamente. Dentre os argumentos mobilizados, se sobressaíam aqueles que apontavam certo alinhamento com uma concepção tradicional de família e o auxílio emergencial concedido durante a pandemia. Além disso, alguns trabalhadores consideraram injusto que a crise econômica durante o governo Bolsonaro tenha sido atribuída à sua gestão, uma vez que durante o período o mundo atravessou a pandemia da Covid-19.

“Ele era doidão, mas ele ajudou muita gente. Mesmo na loucura dele, pra mãe solo, ele deu 1200. Ele ajudava, mesmo com as loucuras dele”. (manicure, 50 anos, branca, moradora da Vila Prudente, espírita, possui ensino superior completo)

“Eu votei no Bolsonaro, gosto muito dele. Sei que ele não sabe falar. O que ele peca, gente, é quando ele abre a boca. Porque ele não sabe se expressar, ele não sabe se expressar. Então, assim, ele fala muita

besteira mesmo. Muita coisa que ele fez eu concordo, muita coisa das ideias que ele teve, que ajudou o Brasil, que melhoraria o Brasil, eu concordo com ele". (manicure, 39 anos, parda, moradora da Freguesia do Ó, evangélica, possui ensino médio completo)

"Votei em Bolsonaro. A gente entrou no meio de uma pandemia, o cara não conseguiu fazer nada, o mundo parou e a gente ficou totalmente inútil (...). Eu não posso acusar o Bolsonaro por causa disso, tudo bem que ele falou muita besteira...". (motorista por aplicativos, 48 anos, branco, morador da Freguesia do Ó, católico, possui ensino superior completo)

"Eu acho que essa linha de raciocínio dele de família, sabe? Eu sou não-praticante, mas eu sou religião evangélica. Então essa linha de raciocínio do Lula não me atrai e a do Bolsonaro me atrai". (manicure, 31 anos, parda, moradora da Vila Prudente, evangélica, possui ensino médio completo)

O antipetismo não é força política preponderante entre os participantes dos grupos focais. Ainda assim, permanece existindo a associação da principal liderança petista com a corrupção, bem como a ideia de que o partido foi responsável pelo que de pior aconteceu no Brasil nos últimos anos.

"Quando teve que o colocar o Lula, eu falei: 'gente, como que você pega um presidiário e põe pra candidato?' Isso já tinha que ser banido, pra começar não podia existir isso. Porque se não vai abrir uma porta... a pessoa fazer tudo que ela fez de errado na vida, ela fala, 'não, mas eu posso fazer isso porque o presidente tá lá, ele é um ex-presidiário'. Então, assim, eu não gosto do PT, eu acho que piorou muito com a entrada do Lula, porque muitas empresas fecharam, muita gente tá deixando de investir no Brasil". (manicure, 39 anos, parda, moradora da Freguesia do Ó, evangélica, possui ensino médio completo)

"Eu não votaria mais no Lula. O Lula, já não é a primeira vez que ele foi preso, eu não voto em ex-presidiário. É esse é meu ponto de vista, ele foi preso quando ele era lá atrás metalúrgico, ele e a Dilma. Agora se você se algum de nós aqui entrar no mercado e roubar uma bolacha, você vai estar fichado pro resto da sua vida. E você não vai conseguir nada". (motorista por aplicativos, 48 anos, branco, morador da Freguesia do Ó, católico, possui ensino superior completo)

"Eu acho que hoje deixou de ser pelo Brasil e hoje é pessoal, é pelo Lula. Lula está pagando as propinas que ele meio que prometeu e a gente tá sozinho, esquecido. É que nem eu disse, tá enganando o povo, dando bolsas, dando, dando, dando e aumentando, porque tem que tirar de algum lugar. Então, assim, quem fica sem o bolsa, se lasca". (manicure, 31 anos, parda, moradora da Vila Prudente, evangélica, possui ensino médio completo)

"Eu também não gosto do PT e nunca gostei (...). Não gosto, pra mim tudo que dá errado hoje em dia é culpa deles e é isso". (marmiteira, 35 anos, branca, moradora de Itaquera, católica, possui ensino médio completo)

"Eu acho quando o Lula pegou [o país], ele pegou uma crescente, o país estava bom. O dólar era de um pra um. Então, por isso que ele fez isso, a questão do Bolsonaro ele não fez nada porque pegou uma pandemia já quebrado. O PT tinha tudo pra mudar naquele momento. Era pra nós hoje sermos uma potência. E ele só destruiu, a verdade é essa". (motorista por aplicativos, 37 anos, branco, morador de São Mateus, sem religião, possui ensino médio completo)

Por fim, boa parte dos participantes ponderou que era cedo para avaliar a atual gestão de Lula. Ainda assim, muitos declararam notar mudanças em relação ao governo anterior, sobretudo no que diz respeito aos custos de vida. Neste sen-

tido, a maioria das avaliações favorecem a gestão petista, uma vez que é comum a percepção de ligeiro barateamento no preço dos alimentos e dos combustíveis. Não há, contudo, consenso nesta avaliação e para alguns poucos participantes dos grupos focais a percepção é de alta dos preços e de piora da situação econômica. O cruzamento entre os discursos ouvidos e os dados eleitorais coletados no recrutamento sugerem que há, em grande medida, continuidade entre avaliação do governo e voto em 2022.

“Eu prefiro esperar ano que vem pra ver mesmo se se ele vai cumprir mesmo as coisas que ele vem falando (...). Os pobres, é esperar mesmo o ano que vem, ver o que que ele vai fazer pra gente poder falar”. (manicure, 20 anos, parda, moradora do Jardim Seckler, sem religião, possui ensino fundamental incompleto)

“Na minha concepção eu já vi diferença sim. No mercado, por exemplo, a gente ia comprar uma lata de óleo, [era] dez, doze reais. Tá abaixando, tá abaixando. Os preços estão caindo aos poucos, é muito cedo pra gente falar”. (designer de sobancelhas, 45 anos, branca,

moradora do Jardim Taboão, católica, possui ensino superior completo)

“Só de ter baixado a gasolina eu achei que melhorou”. (motorista por aplicativos, 40 anos, pardo, morador do Jardim São Francisco, sem religião, possui ensino superior completo)

“Eu acho que assim, a gasolina ainda abaixou mesmo, mas os produtos do mercado encareceram muito”. (boleira, 35 anos, branca, moradora do Butantã, católica, possui ensino superior incompleto)

As elaborações das trabalhadoras e trabalhadores por conta própria sobre política expressam com muita intensidade a força do sentimento antissistema e o papel da corrupção como elemento impulsionador da rejeição aos políticos e à política. Entretanto, buscamos trazer aqui reflexões deste segmento que podem e devem ser trabalhadas pela esquerda em nossa luta cotidiana contra a extrema-direita e em defesa da democracia, tais como a afirmação de que cabe ao governo promover direitos, bem como a avaliação sobre Lula e sobre seu governo.

Síntese

As elaborações das trabalhadoras e trabalhadores por conta própria sobre política expressam com muita intensidade a força do sentimento antissistema e o papel da corrupção como elemento impulsionador da rejeição aos políticos e à política. Entretanto, algumas reflexões deste segmento que podem e devem ser trabalhadas pela esquerda, tais como a afirmação de que cabe ao governo promover direitos, bem como a avaliação sobre Lula e sobre seu governo e noção do que é um bom político.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações finais

Neste relatório, apresentamos uma análise sobre valores, preferências, comportamentos e demandas de trabalhadoras e trabalhadores não assalariados da cidade de São Paulo, atuantes em diversos setores da economia popular. Verificamos que esse segmento da classe trabalhadora reconhece a importância da proteção social e dos direitos trabalhistas ao mesmo tempo que, em sua grande maioria, não pretende negociar o que consideram conquistas do trabalho por conta própria, principalmente a liberdade de fazer o próprio horário e a ausência de um patrão que impõe cotidianamente a organização do trabalho.

Os relatos de trabalhadoras e trabalhadores ouvidos nesta pesquisa indicam que eles e elas possuem uma experiência de classe marcada não só pela superexploração, mas também pela fermentação de estratégias que levam em conta condições materiais e simbólicas para construir alternativas de vida. Se é verdade que a opção pelo trabalho autônomo, informal e mediado pelas plataformas não é uma escolha livre – e Marx (2011[1852]) já nos ensinava que os homens [e mulheres, naturalmente] fazem sua história, mas não fazem como querem – isso não pode ocultar as agências que essas trabalhadoras e trabalhadores desenvolvem na busca por melhores condições de vida.

A principal dimensão que emerge destas estratégias é a recusa que essas pessoas apresentam contra os patrões. É unânime entre os entrevistados a revolta contra as humilhações impostas por chefes ao longo de suas trajetórias e a valorização de poder fazer seu próprio horário e organização do trabalho. Mas essa dimensão não impede que essas trabalhadoras e trabalhadores demandem por direitos e proteção social. Suas experiências de classe são marcadas por dificuldades e desafios em momentos de doença e outras razões que impossibilitam de trabalhar e há, aí, um vasto campo para a esquerda atuar junto a este segmento.

A luta pela proteção social das e dos informais, autônomos e microempreendedores tem um enorme potencial de organização e mobilização. Essas pessoas, embora acreditem com força que cada indivíduo tem total condições de progredir sozinho, valorizando a meritocracia individualista, em sua grande maioria não rechaçam a ideia de se organizar coletivamente pelos seus direitos. Há, sem dúvida, um enorme ceticismo e mesmo receio de se organizar e agir. Mas, convenhamos, é um ceticismo justificado, dado o distanciamento que de parte da esquerda da vida cotidiana desse segmento.

Verificamos também um forte sentimento antissistema, atravessado pelo debate da corrupção que impulsionou o avanço da extrema-direita no Brasil nos últimos anos. Pela onipresente descrença de nossos interlocutores em relação aos políticos, a tarefa de revalorizar a política e a democracia para este segmento nos pareceu a mais desafiadora de todas. Em meio a tanta revolta contra o sistema e contra os políticos, contudo, entendemos que é possível extrair dimensões que podem ser trabalhadas positivamente pelas esquerdas no sentido de revalorizar a democracia e a política junto às trabalhadoras e trabalhadores por conta própria. Neste sentido, se é verdade que não encontramos a ambiguidade vista na relação dos trabalhadores por conta própria com as organizações coletivas – por exemplo, nenhum dos participantes dos grupos focais defendeu a classe política das acusações a ela dirigidas – é também um fato que diversos trabalhadores operam uma distinção fundamental entre políticos ineptos e políticos capazes de operar melhorias da população. Assim como no cotidiano laboral, a experiência de classe das trabalhadoras é pragmática e valoriza o poder público quando há efetividade de ações e políticas. Ao mesmo tempo, há um forte engajamento dessas pessoas nos assuntos da política e um conjunto de elaborações sobre o que é um bom político e sobre a necessidade de o governo garantir direitos fundamentais – algo que indica a existência um terreno para a construção de uma nova cultura democrática em nosso país.

Referências

- **Abílio, L.C., 2020.** Uberização e juventude periférica. Desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho. *Novos Estud. - CEBRAP* 39, 579–597. <https://doi.org/10.25091/s01013300202000030008>
- **Antunes, R., 2018.** O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital, 1ª edição. ed, Coleção Mundo do trabalho. Boitempo, São Paulo, SP.
- **Braga, R., 2020.** A tempestade perfeita: Autoritarismo, trabalho e pandemia.
- **Domingues, J.M., 2021.** Uma esquerda para o século XXI: horizontes, estratégias e identidades, 1ª edição. ed, Coleção Esquerda em movimento. Mauad X, Rio de Janeiro.
- **Krein, J.D., Manzano, M., Teixeira, M., 2022.** Trabalho no Brasil: desafios e perspectivas. *Cad. CEAS* 47, 293. <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2022.n256.p293-317>
- **Marins, C., Perfeito, V., Guimarães, H., Serafim, G., 2022.** Subjetividade empreendedora entre fotógrafos e produtores de vídeo brasileiros impactados pela Covid-19: uma abordagem exploratória. *Política e Trabalho* 137–154.
- **Marins, C., Rezende, R., 2022.** Plataformas digitais, competição e solidariedade entre motoristas de aplicativos na região metropolitana do Rio de Janeiro. Presented at the 46o Encontro Anual da Anpocs, Campinas.
- **Marx, K., 2011.** O 18 de brumário de Luís Bonaparte, Coleção Marx-Engels. Boitempo, São Paulo.
- **Oliveira, R.V. de, Ramalho, J.R., Rosenfield, C., 2019.** A Sociologia do Trabalho e suas interfaces: trajetória e tendências atuais. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em*

Ciências Sociais 1–28. <https://doi.org/10.17666/bib9009/2019>

- **Srnicek, N., 2017.** Platform capitalism, Theory redux. Polity, Cambridge, UK ; Malden, MA.
- **Statista, 2022.** Mobile social media worldwide. Statista.
- **Thompson, E. p., 2011.** A formação da classe operária inglesa, 1: a árvore da liberdade, 6. ed. ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro.

Anexo metodologia e perfil da amostra

Este relatório é baseado em pesquisa qualitativa de grupos focais, que expôs os participantes – trabalhadoras e trabalhadores que exercem diversas modalidades de trabalho não assalariado – a conjuntos de temas previamente definidos, a partir de debate realizado entre coordenadores técnico-acadêmico e político do projeto. O desenho do projeto levou em conta dados de pesquisas anteriores realizadas pela equipe acadêmica, resultados eleitorais das últimas eleições nacionais e municipais, experiência de atuação do Movimento de Trabalhadores Sem Direitos e de ativistas da FLCMF e da FRL. Também foram levados em conta microdados da PNAD Contínua, considerando o peso de cada um dos setores no mercado de trabalho.

Integraram os grupos focais homens e mulheres moradores da cidade de São Paulo, votantes, com renda familiar de até cinco salários mínimos, atuantes nos seguintes segmentos:

- Motoristas (homens) que atuam no segmento de transporte por aplicativos, de 18 a 34 anos
- Motoristas (homens) que atuam no segmento de transporte por aplicativos, de 35 a 50 anos
- Trabalhadores (homens) que atuam no segmento de venda ambulante não regulamen-

tada com bancas improvisadas de produtos eletrônicos, brinquedos, roupas, bijuterias etc. (vendas de alimentos estão excluídos deste segmento), de 20 a 40 anos

- Trabalhadores (homens) que atuam no setor de entregas por aplicativo, com motocicleta (de 18 a 40 anos)
- Trabalhadoras (mulheres) que atuam no segmento de limpeza doméstica, de 20 a 40 anos
- Trabalhadoras (mulheres) que atuam no segmento de confecção e vendas de alimentos (bolos, salgados, sanduíches, marmitas etc.), de 20 a 40 anos
- Trabalhadoras (mulheres) que atuam no segmento de beleza (manicures e designers de sobrancelhas/micro pigmentação), de 18 a 34 anos
- Trabalhadoras (mulheres) que atuam no segmento de beleza (manicures e designers de sobrancelhas/micro pigmentação), de 35 a 50 anos

Ainda que a pesquisa seja baseada em metodologia qualitativa que não busca uma amostra representativa em termos estatísticos, o desenho dos grupos focais levou em conta a proporcionalidade do universo estudado em termos de gênero, raça, religião e distribuição geográfica. O recrutamento dos participantes foi distribuído entre região central e periferias da cidade.

Antes da realização do campo, os moderadores com formação doutoral no campo das ciências sociais e experiência de pesquisa prévia junto a trabalhadores não assalariados se familiarizaram com objetivos gerais da pesquisa, bem como com seu embasamento teórico-metodológico. Durante a realização dos grupos focais, os moderadores, quando julgavam necessário, reformularam as questões com base nas respostas e reações dos participantes da pesquisa. A fim de obter dados qualitativos em profundidade sobre subjetividades políticas de trabalhadores não assalariados, os pesquisadores articularam de múltiplas dimensões da vida dos trabalhadores, cuidando para que suas visões políticas não fossem apartadas de aspectos da vida cotidiana tais como relações familiares, redes de relações diversas, atividades de lazer etc.

O roteiro de pesquisa que guiou os grupos focais incluiu os seguintes tópicos:

- Avaliação das condições de vida e trabalho e comparação com experiências prévias
- Organização das rotinas de trabalho
- Percepções sobre a conjuntura econômica e social nos últimos anos e sua relação com os diferentes governos
- Aspirações e percepções sobre mobilidade social
- Uso de plataformas de redes sociais (preferências e usos para atividades laborais)
- Fontes de informação política
- Atitudes em relação à CLT
- Sentidos do trabalho não assalariado: empreendedorismo e exploração
- Demandas por direitos
- Percepções sobre programas de transferência de renda
- Percepções político-institucionais (atitudes em relação a partidos políticos, governantes e parlamentares)
- Posicionamento no espectro político direita x esquerda
- Avaliação dos governos federal, estadual e prefeitura de São Paulo
- Memória política

Com o consentimento dos participantes, as imagens e áudio dos grupos focais foram captadas para análise posterior. A Fundação Lauro Campos Marielle Franco, por sua vez, se comprometeu a garantir o anonimato dos participantes.

- Método: Qualitativo via Grupos Focais (GF)
- Perfil da amostra
 - Mulheres e homens
 - Faixa etária de 18 a 50 anos
 - Brancos, pretos e pardos
 - Beneficiários, ex-beneficiários e não beneficiários de programas sociais
 - Até 5 salários-mínimos de renda familiar
 - População votante no município de São Paulo, distribuídos entre região central e periferias da cidade
 - Mix de posicionamentos políticos
 - Período de realização dos grupos focais: entre 19 e 22 de junho de 2023.





NAPE

Núcleo de Análises, Pesquisas e Estudos da Fundação Lauro Campos e Marielle Franco



FUNDAÇÃO
LAURO CAMPOS e
MARIELLE FRANCO
PSol



FUNDAÇÃO
ROSA
LUXEMBURGO